

Viver como cristão é viver conforme os ensinamentos de Jesus.

Para que você possa conhecê-los profundamente oferecemos um estudo simultâneo dos quatro Evangelhos.

ESTUDOS HARMONIOSOS NOS EVANGELHOS

Quatro revistas já editadas, com 13 estudos cada uma, que analisam a vida e ensinamentos de Jesus aqui no mundo, baseados simultaneamente nos quatro Evangelhos, dando uma visão total de todo o ministério de Cristo.

Peça pelos telefones
(21) 2404-1279; 2403-0327
Ou pela Internet
edividacristo@uol.com.br

Apresentação

A carta aos Hebreus é um tratado de Teologia, com uma série de argumentos, cujo propósito é demonstrar a superioridade do Novo Concerto sobre o Antigo, principalmente de Jesus Cristo como Sumo Sacerdote perfeito e eterno.

Foi escrita por autor desconhecido e popularmente, nos primeiros séculos, era atribuída ao apóstolo Paulo. É destinada a judeus convertidos a Cristo que estavam sendo perseguidos e, principalmente, fortemente influenciados e tentados a voltar o antigo sistema religioso, provisório, do judaísmo. Teria sido escrita entre os anos 60 e 70 da era cristã.

Nos tempos atuais continua sendo de grande valia para firmar crentes em Cristo em uma vida cristã autêntica, livre da influência daqueles que insistem em viver práticas religiosas calcadas no Antigo Testamento e que nada têm a ver com o cristianismo ensinado por Jesus e seus apóstolos.

Os estudos 1 a 7 foram escritos pelo Pastor Delcyr de Souza Lima, com 55 anos de ministério pastoral, escritor consagrado pelos batistas brasileiros e de outros países de língua portuguesa, Diretor-Executivo do Seminário Teológico Batista de Niterói, e professor dedicado ao ensino teológico há mais de 40 anos.

Os estudos 8 a 13 foram escritos pelo Pastor Dinelcir de Souza Lima, pastor da Igreja Batista Memorial de Bangu há 18 anos, autor de diversas obras direcionadas a estudos bíblicos para EBD, professor do Seminário Teológico Batista de Niterói..

Profª Rute de Albuquerque Lima
Coordenadora de Estudos Bíblicos Dominicais

Sumário

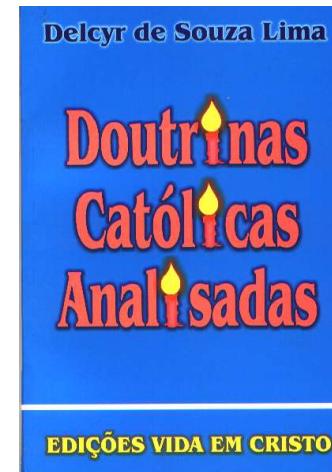
Estudo 1 -	A supremacia do Filho de Deus.....	3
Estudo 2 -	O Filho de Deus se fez homem	7
Estudo 3 -	Cristo, o Supremo Sacerdote	11
Estudo 4 -	A necessidade de crescimento e perseverança na fé	15
Estudo 5 -	Cristo, Sacerdote da ordem de Melquisedeque	19
Estudo 6 -	A excelência do Novo Testamento	23
Estudo 7 -	O sacrifício perfeito para salvar dos pecados	27
Estudo 8 -	Vivendo a liberdade do Novo Concerto	31
Estudo 9 -	Vivendo a liberdade do Novo Concerto, com paciência	35
Estudo 10 -	Vivendo a liberdade do Novo Concerto - Vivendo da Fé	39
Estudo 11 -	Correndo a carreira cristã	43
Estudo 12 -	Correndo a carreira cristã como Corpo de Cristo	47
Estudo 13 -	Os princípios essenciais para a vida cristã	51

NAO DEIXE DE LER



Uma exposição e interpretação do Sermão do Senhor Jesus que resume todos os princípios da vida cristã verdadeira, em linguagem simples e objetiva, que auxilia os crentes em Cristo a se posicionarem corretamente dentro de um cristianismo autêntico.

Livro de 118 páginas
formato 14cmx20cm



Para quem deseja conhecer o que é o catolicismo, de fato, colocamos à disposição a 5ª edição desta obra do Pr Delcyr de Souza Lima, que se esmerou em pesquisar as principais doutrinas católicas e compará-las com as Escrituras.

Livro com 112 páginas
formato 14cmx20cm

Ligue: (21) 2403-0327 / 9807-5936

registrada no versículo 9, onde se lê que o crente não deve se deixar levar por doutrinas estranhas.

O CRENTE DEVE CONFESSAR SEMPRE O NOME DE JESUS CRISTO COMO SALVADOR v. 10-15

Os que vivem presos aos costumes religiosos estabelecidos no Velho Pacto não têm o mesmo direito que os crentes em Cristo, de desfrutar do seu sacrifício pessoal como elemento de santificação do povo de Deus. Nós crentes em Cristo temos esse privilégio e devemos aproveitá-lo saindo das cercas do legalismo (v. 13), deixando de lado as coisas deste mundo, olhando para a salvação que Cristo nos concedeu na eternidade (v. 14) e oferecendo sempre a ele o louvor dos nossos lábios, através da confissão do nome de Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador. Os que não confessam Jesus como Salvador são os que não dão qualquer importância ao seu sacrifício, e que ficam sempre a procurar oferecer, eles próprios, sacrifícios pessoais a Deus.

O CRENTE PRECISA PERMITIR QUE DEUS O APERFEIÇOE v. 20,21

O desejo manifestado pelo escritor, na sua despedida, é a indicação de uma necessidade essencial para a vida cristã: A de que Deus nos aperfeiçoe para fazermos a

vontade dele, para uma obra que seja agradável a ele, através da ação de Jesus Cristo.

Aperfeiçoar-nos a nós mesmos é tarefa impossível, porque precisamos ser justificados pela ação do sacrifício de Jesus. Mas Deus pode nos aperfeiçoar, se assim o permitirmos, se deixarmos nosso ser à sua disposição, se desejarmos fazer a vontade dele e não a nossa própria vontade.

Assim seremos crentes operosos, úteis para o reino de Deus, fortalecidos em Jesus Cristo, cheios da graça de Deus, como desejava o autor da carta e como manifestou em suas últimas palavras (v. 25)

CONCLUSÃO

O Novo Concerto estabelecido por Deus é definitivo e substitutivo do Antigo Concerto. Viver o cristianismo verdadeiro, é viver o Novo Concerto tendo somente Jesus Cristo como o nosso Pastor, fazendo-nos discípulos somente dele.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda** - *Genesis 18.1-8*
- Terça** - *Romanos 12*
- Quarta** - *1Coríntios 6*
- Quinta** - *Filipenses 4*
- Sexta** - *Salmo 27*
- Sábado** - *Colossenses 2*

Estudo 1

Pr Delcyr de Souza Lima

A SUPREMACIA DO FILHO DE DEUS

Hebreus 1:1-14

Esta lição poderia intitular-se, também, “A Superioridade da Fé Cristã”, porque no início da sua carta o autor está, na verdade, tratando tanto de uma coisa como de outra. Ele está exaltando a pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e estabelecendo consequentemente a superioridade da fé cristã em relação ao sistema religioso do judaísmo. Lembremo-nos de que o propósito do autor dessa carta é exortar os judeus-cristãos a perseverarem na fé cristã vencendo a atração de retorno ao judaísmo.

O autor apresenta as razões da supremacia de Cristo.

JESUS É A REVELAÇÃO PESSOAL E CONCLUSIVA DE DEUS (1.1)

Os judeus tinham dificuldade em compreender o valor dos ensinos de Jesus como a consumação da revelação, porque eles a consideravam completa nas Escrituras que possuíam, que nós hoje conhecemos como Antigo Testa-

mento. Além disso, não conseguiam compreender, também, a natureza divina de Jesus, em virtude dos falsos ensinos correntes entre eles, segundo os quais Jesus teria sido tão-somente uma das muitas criaturas celestiais usadas por Deus na realização de seus planos.

Para resolver a primeira dificuldade, o autor da carta aos Hebreus apresentou Jesus como a consumação da revelação de Deus. Refere-se à revelação como um processo não concluído até a vinda de Jesus. Aos antigos, Deus falara de muitas maneiras e em diferentes ocasiões, por meio dos profetas. A revelação do Antigo Testamento foi realizada de maneira progressiva, em porções fragmentadas e só foi concluída com a encarnação do Filho de Deus.

Deus falava em épocas, em circunstâncias, dentro de seu plano, usando diferentes maneiras para revelar-se. Falou por meio de visões, de sonhos, de fenômenos extraordinários, da aparição de

anjos etc., usando a instrumentalidade de homens sob o poder do Espírito Santo.

Conforme cada época e cada ocasião, Deus levantou homens especiais, os profetas, com uma mensagem para o seu povo. Levantou líderes para conduzir o seu povo e inspirou homens para escreverem o registro da formação e condução desse povo. Assim formou o Antigo Testamento, conhecido na época de Jesus como “a Lei e os Profetas”, que era a Bíblia dos judeus. Na lei, Deus revelou seu caráter por meio de normas perfeitas e prenunciou os dias em que realizaria a obra de salvação que os antigos esperavam.

É evidente que ao mostrar essa transição na revelação, o autor da Carta estava querendo estabelecer a supremacia da revelação de Deus em Jesus Cristo sobre toda a revelação anterior. A superioridade do evangelho sobre o sistema de lei e dos sacrifícios estava (e está), fundamentalmente, em que o evangelho é constituído pela revelação final que Deus fez na pessoa do seu próprio Filho, que é a “imagem do Deus invisível” (Cl 1.15). Em Jesus, Deus completou e unificou a sua revelação. No Antigo Testamento usou instrumentos humanos, anjos e atos de demonstração do seu poder e glória. No Novo Testamento, Deus usou Jesus Cristo, seu próprio Filho.

AS RAZÕES DA SUPREMACIA DE CRISTO (1.2-4)

O autor da Carta aos Hebreus fundamenta a supremacia de Jesus com os seguintes argumentos:

1. Jesus foi constituído pelo Pai como herdeiro de tudo, antes mesmo de criar o mundo (v. 2). Jesus não é, portanto, um ser criado; ele foi o único ser gerado por Deus (únigênito) e, tendo sido gerado pelo Pai que é eterno, também é eterno. Tendo sido feito herdeiro de todas as coisas, é, portanto, o Senhor de todas as coisas.

2. Jesus é o Agente ativo da criação do universo (v. 2). Deus utilizou o seu Filho, o seu unigênito para criar todas as coisas, tanto os céus quanto a terra. Em João 1.3 lemos que “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.” Jesus é, portanto, aquele por quem Deus criou todas as coisas. Ele é o Criador.

3. Jesus é o resplendor da glória de Deus (v. 3). Assim como o sol resplandece, Deus faz com que a sua glória brilhe na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo. Deus brilhou e continuou brilhando nas trevas da ignorância, do pecado e da perdição dos homens como uma inconfundível luz, por meio da pessoa de Jesus Cristo. O profeta Isaías, anunciando o nascimento de Jesus, escreveu: “O povo que andava

bens que possuem e o dinheiro tem sido venerado até mesmo nos meios chamados evangélicos. A confiança dos que se dizem cristãos está em si próprios, em suas práticas religiosas e o amparo de Deus ao seu servo, constante e natural, tem sido esquecido.

O CRENTE PRECISA VIVER COMO OVELHA DE CRISTO v. 7,17

Quando faz referência ao pastorado, o autor da carta aos Hebreus lembra aos seus leitores que o crente em Cristo é ovelha de Cristo que estabeleceu pastores, guias, para conduzir seus rebanhos por caminhos estabelecidos por ele próprio. Ele recomenda que os crentes se lembrem dos seus pastores e que imitem a fé deles, observando seu modo de vida. Mas, que façam assim com respeito àqueles que falaram a Palavra de Deus.

Observar os pastores, obedecê-los, é uma recomendação bíblica, porque levam o crente a seguir aquele que é o mesmo em todos os tempos (v. 8); levam os crentes a aprender as doutrinas do Senhor Jesus, fortalecendo-os na graça de Cristo para que não se deixem levar por doutrinas estranhas à fé cristã e por atrativos materiais que nada têm de proveito para a vida cristã (v. 10). Obedecer aos pastores torna a vida cristã mais alegre e mais produtiva,

porque eles poderão conduzir o rebanho com mais alegria e eficiência (v. 17) e poderão estar tranqüilos quanto ao momento de dar conta do rebanho ao Senhor Jesus.

Mas, cabe aqui uma observação importante: O autor da carta não está ensinando seus leitores a obedecerem a qualquer pessoa que se intitula pastor, ou se coloque como guia de um rebanho de Cristo, porém aos que falam a Palavra de Deus. A palavra grega *egeomai*, utilizada pelo escritor, significa *o que conduz, líder, governador, o que vai à frente, o que dá a direção*. Nenhum pastor ou guia de algum rebanho de Deus tem o direito de conduzir o rebanho por caminhos próprios ou estabelecidos por outra pessoa que não seja o dono do rebanho, Jesus Cristo (v. 20). Por isso, os pastores que devem ser lembrados, que devem ser imitados e que devem ser obedecidos são aqueles que conduzem as ovelhas de Cristo através da Palavra de Deus, utilizando-a para apontar o caminho estabelecido pelo próprio Deus.

Essa responsabilidade de avaliação pertence ao próprio crente em Cristo, porquanto não é uma ovelha irracional, porém um ser pessoal inteligente, que tem a ação do Espírito Santo em si, capaz de comparar o que se diz com o que está escrito na Palavra de Deus. Uma responsabilidade que está

irmão em Cristo em sua própria casa, fazendo com que seja participante da sua vida privada. Para o judeu e para o oriental de um modo geral, receber alguém em sua casa é um ato de profunda manifestação de apreço, um ato de honra. Ele lembra que, no passado, hebreus tementes a Deus, com corações abertos à hospitalidade, hospedaram mensageiros diretos de Deus sem mesmo o saberem.

b) Através da empatia (v. 3), sentimento de participação das alegrias e aflições de outras pessoas. No tempo em que a carta foi escrita muitos crentes eram presos por causa da perseguição dos judeus inconformados com os que se convertiam ao Cristo crucificado, e dos romanos que não toleravam o que eles consideravam seitas resistentes à sua religiosidade. Os crentes deveriam se lembrar de seus irmãos presos ou dos que sofriam maus tratos como se fossem eles próprios.

c) Através da beneficência (v. 16) que é o sacrifício realmente agradável a Deus. Beneficiar um irmão necessitado é algo que alegra o coração de Deus.

O CRENTE PRECISA VIVER EM SANTIFICAÇÃO v. 4

A prostituição religiosa era muito praticada e o matrimônio sofria com as imoralidades que eram tão comuns ao mundo e estavam

entrando nas igrejas. Nos dias atuais a imoralidade também está em nossa sociedade e é impossível que se viva a vida cristã dando lugar ao que o mundo tolera e incentiva. O casamento, instituição divina que une homem e mulher em um só corpo, deve ser venerado, valorizado, como elemento essencial para uma vida de santificação física agradável a Deus. A união entre um homem e uma mulher precisa ser santificada e os crentes precisam estar atentos, lembrando-se que Deus é quem julgará os que se dão às imoralidades.

O CRENTE PRECISA DEPENDER UNICAMENTE DE DEUS v. 5,6

Depois do cativeiro na babilônia os judeus tornaram-se um povo ganancioso, amante dos bens materiais. Muitos eram avaros e colocavam sua confiança nos bens que possuíam. Mas o crente não poderia ser assim. Ao contrário, deveria evitar a avarice e, consequentemente, desenvolver uma confiança perfeita em Deus, e confiança devido às suas promessas. Confiança em sua presença e amparo constantes, confiança naquele que pode nos defender de qualquer coisa que o homem nos possa fazer.

Os tempos atuais não são diferentes. Os homens, cada vez mais, colocam a sua confiança nos

em trevas viu uma grande luz; e sobre os que habitavam na terra de profunda escuridão resplandeceu a luz" (Is 9.2).

4. Jesus é a imagem expressa de Deus (v. 3). O Senhor Jesus, pregando a um grande número de pessoas em Jerusalém, já no final do seu ministério, disse: "Quem me vê a mim, vê aquele que me enviou (Jo 12.45). E no mesmo tempo, após comemorar a Ceia com seus apóstolos, solicitado a mostrar o Pai, respondeu: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9). O apóstolo Paulo escreveu aos colossenses a respeito de Jesus: "... o qual é a imagem do Deus invisível..." (Cl 1.15).

Em Jesus Deus estava, pessoalmente, se revelando, e atuando no mundo pra produzir a salvação. Jesus Cristo é a manifestação corpórea, temporal, individual do Deus que é Espírito, imensurável, imponderável, sem limites. Somente dessa maneira é que poderíamos conhecê-lo e com ele nos relacionar. É importante nos lembarmos que um dos nomes de Jesus é Emanuel, que significa **Deus conosco**.

5. Jesus é o sustentador de todas as coisas (v. 3). Ele não foi somente o Agente ativo da criação; ele é, também, pelos tempos sem fim, o sustentador de todas as coisas. Em Deus "vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). Se Deus

"retirasse para si o seu fôlego, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó" (Jó 34.14,15). Mas toda essa sustentação do universo e da vida está no Filho de Deus, na palavra do seu poder.

6. Jesus é o autor da purificação dos nossos pecados (v. 3). Ele é o autor através do seu próprio sacrifício. Com o seu sacrifício ele colocou a purificação dos pecados à disposição de toda a humanidade e realizou a obra de purificação dos pecados de todos os que crêem nele.

7. Jesus é o grande vitorioso (v. 3). Jesus veio como o Cordeiro de Deus, para se entregar em sacrifício pessoal, morrendo em lugar dos pecadores. Para os judeus ele foi um derrotado porque não o receberam como Salvador. Eles o queriam como libertador político, como provedor material. Mas, exatamente na sua morte e na sua ressurreição ele foi o grande vitorioso sobre a morte, a consequência do pecado que paira sobre todo ser humano. Ele morreu, ressuscitou, retornou ao céu e assentou-se à direita do Pai, detentor de todo o poder no céu e na terra.

SUPREMACIA DE JESUS SOBRE OS ANJOS

O autor da Carta aponta as seguintes distinções entre Jesus e os anjos:

1. Nenhum anjo jamais foi chamado por Deus de filho. Somente Jesus. Os anjos são criaturas celestiais que servem a Deus. Mas Jesus é o Filho Unigênito (v. 5).

2. Quando Jesus voltar ao mundo, os anjos o adorarão. Dessa forma, manifestarão, publicamente, diante das nações do mundo inteiro, durante o julgamento, a divindade de Jesus (v. 6).

3) Os anjos cumprem seu serviço nas esferas material e temporal.

Por meio dos elementos da natureza, como o vento e o fogo, Jesus exerceu (e exerce) ministério espiritual e eterno (7-9).

4) Em contraste com as coisas criadas (os anjos também são seres criados), Jesus é o Criador soberano, e Senhor imutável. Nele não haverá nem decadência nem falecimento. Os céus e a terra serão destruídos, mas ele permanecerá por toda a eternidade (v. 10 a 12);

5) Nenhum anjo recebeu o privilégio de sentar-se à direita de Deus, participando de sua majestade e supremo poder. Somente Jesus. Os anjos são servos que trabalham em benefício dos homens, mas Jesus é o Salvador e é o Senhor de todas as coisas (v. 13,14).

LIÇÕES PARA A NOSSA VIDA

1. Jesus é a própria essência de Deus na forma humana. É Deus identificado com os homens, para se revelar a fim de os salvar. É o

centro da nossa fé e a base da nossa confiança. Ninguém, a não ser Deus em sua trina manifestação (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) pode merecer a nossa confiança espiritual, a nossa fé.

2. Saber que Jesus Cristo é de natureza divina e que tem a supremacia sobre todas as coisas, inclusive os anjos, e que está à direita do Pai exercendo todo o poder, é motivo para vivermos na mais absoluta tranqüilidade de fé e esperança como seus servos.

3. O mundo está repleto de falsas idéias a respeito de Jesus, e repleto, também, de atitudes irreverentes e distorcidas para com ele. É preciso que os crentes em Cristo percebam os falsos cristianismos que estão alicerçados em regras e rituais de cultos retirados do Velho Testamento e rejeitem tudo o que represente um retorno à Lei, ao que era provisório. É preciso que os crentes em Cristo abandonem as suas crenças anteriores e fundamentem a sua fé somente nas palavras de Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 1:1-14

Terça - João 5:19-26

Quarta - Hebreus 2:1-4

Quinta - Mateus 16:13-18

Sexta - Rom. 8:26-30

Sábado - Efésios 1:3-9

Estudo 13

Pastor Dinelcir de Souza Lima

OS PRINCÍPIOS ESSENCIAIS PARA A VIDA CRISTÃ

Hebreus 13

A última parte da carta aos Hebreus é um resumo muito objetivo dos princípios essenciais à vida cristã.

É a conclusão prática de tudo o que o autor escreveu, deixando um indicativo preciso para que o crente (no caso crentes judeus) pratique um cristianismo verdadeiro, sem as interferências religiosas dos que se fixaram obstinadamente na prática do Antigo Testamento e de normas religiosas de procedência unicamente humanas.

Seguindo seus conselhos simples e objetivos, o crente estará seguindo um caminho seguro, com a possibilidade de não entrar em desvios tortuosos que distanciariam cada vez mais do Novo Testamento.

O CRENTE PRECISA VIVENCIAR O AMOR FRATERNAL SEM INTERRUPÇÕES v. 1-3,16.

A primeira recomendação do autor da carta é que o amor fraternal seja permanente entre os crentes em Cristo. Na edição Revista e

Corrigida da Imprensa Bíblica Brasileira está traduzida como *permaneça* e, na edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil está *seja constante*. Ambas versões estão corretas, porém a da Sociedade Bíblica está mais precisa, uma vez que a palavra grega *meno* tem o significado de algo que permanece por todo o tempo presente. Ou seja, enquanto o crente existir, deve vivenciar o amor fraternal sem interrupções, como uma atitude constante. Note-se que aqui o autor não está falando do amor para com os semelhantes, porém do amor para com os irmãos em Cristo, para com aqueles que pertencem ao corpo de Cristo, que já foram regenerados e foram feitos filhos de Deus por terem crido em seu Filho (Jo 1.12).

Em seguida o autor enfatiza a vivência do amor fraternal através de algumas atitudes práticas:

a) Através da hospitalidade (v. 2), ou seja, através da disposição prática e verdadeira de receber o

completamente por caminhos tortuosos da utópica transformação do mundo.

c) A igreja precisa ter gratidão por ter recebido a graça de pertencer ao reino indestrutível de Deus v. 28. Essa gratidão é tão essencial para a vida cristã, que Jesus estabeleceu um memorial da manifestação visível e maior da graça de Deus para conosco, a sua morte na cruz. Ele deixou a Ceia para que nos recordássemos sempre de que fomos salvos pela graça de Deus. Uma igreja que abandone a gratidão e que passe a se comportar como se fosse merecedora do reino de Deus, está fadada a se desviar, a apostatar da carreira cristã.

A gratidão a Deus deverá ser a mola propulsora do ânimo para a vida cristã. Deverá sobrepujar as obrigações e, até mesmo, o senso de dever. Deverá ser a mola propulsora para o serviço agradável a Deus e será o elemento de equilíbrio para o temor e a reverência a Deus.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Devemos sempre lembrar que a a nossa vida cristã não deve ser isolada. Isolados fracassaremos sempre na carreira cristã, mas unidos como igrejas de Cristo, seremos sempre vitoriosos em cumprir a tarefa de evangelização que o Senhor Jesus nos deu.

2. Somos responsáveis por desejarmos estar em pé, como igreja de

Cristo. Se achamos que estamos enfraquecendo, nós é que precisamos levantar nossas mãos e firmar nossos joelhos.

3. A visão da necessidade de cooperação para fortalecimento de nossos irmãos deve ser uma constante em nossas vidas cristãs. Precisamos ajudar ao que está abatido ou se abatendo, precisamos aplinar o caminho daqueles que estão cambaleantes, tirando os tropeços de seus pés, para que possam caminhar sozinhos, com suas forças pessoais e não serem levados como se fossem um peso para a igreja.

4. As igrejas precisam querer agradar a Deus, evitando o mundanismo, buscando a consagração, venerando o que é sagrado para Deus. O culto e todas as atividades da igreja precisam ser sagrados se queremos agradar a Deus.

5. Devemos manter acesa a chama da gratidão ao nosso Deus pela salvação que nos concedeu em Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Isaías 35**
- Terça - Gálatas 6.1-10**
- Quarta - Rom 12.9-21**
- Quinta - 1Tes 4.1-7**
- Sexta - Apoc 21.1-8**
- Sábado - Isa 66.10-18**

Estudo 2

Pastor Delcyr de Souza Lima

O FILHO DE DEUS SE FEZ HOMEM

Hebreus 2:5 a 4:13

No texto considerado no estudo anterior, o escritor sagrado estabeleceu a supremacia de Jesus sobre todas as coisas. No texto a ser estudado nesta lição, o escritor tratou de uma dificuldade que seus leitores poderiam levantar como objeção ao seu ensino, e apelou no sentido de que considerassem Jesus em suas verdadeiras funções, que tivessem fé nele e lhe fossem obedientes, para não repetirem o erro de seus antepassados que endureceram seus corações para não crerem na palavra empenhada por Deus e, por isso, ficaram peregrinando pelo deserto até morrerem, sem tomar posse da terra prometida.

A dificuldade explicada é a seguinte: Os judeus consideravam os anjos como seres eminentes, superiores aos homens. Como poderia Jesus ser superior a eles, visto que fora homem e como tal sofrera e morrera? Para explicar essa aparente contradição, o autor da Carta aos Hebreus deixou preciosos

ensinos sobre a humilhação do Filho de Deus, sobre seu sofrimento e sua morte.

O FILHO DE DEUS SE HUMILHOU MAS FOI COROADO DE GLÓRIA (2.5-8)

O fato de o Filho de Deus se ter feito homem se constituiu em grande humilhação, esvaziamento e aniquilamento para ele. Deixou a eternidade e toda a glória de sua posição celestial para assumir a natureza de homem mortal experimentando sofrimentos, sendo tentado e entregando a própria vida, experimentando a morte pela humanidade para retornar aos céus. Dessa maneira, tornou-se, realmente, inferior aos anjos, pois ele nunca foram homens, nunca experimentaram dores e morte..

Mas isso aconteceu somente por um pouco de tempo porque, tendo consumado sua obra redentora, foi coroado de glória (v. 9). Ressuscitou e voltou à presença do Pai como o autor da Salvação, sentando-se,

novamente em seu trono celestial (Ap 3.21) como herdeiro de todas as coisas. Nisso consistiu sua vitória, e por isso foi coroado de glória.

A aparente inferioridade de Jesus aos anjos foi passageira, deliberada e necessária. Aparente porque Jesus, mesmo encarnado, continuou sendo o Filho de Deus e continuou sendo capacitado pelo seu Espírito (Mt 3.17; 17.5).

A NECESSIDADE DA HUMILHAÇÃO DE CRISTO (2.9-18)

Não era fácil para os judeus entenderem por que o Filho de Deus, para salvar os homens, precisou tornar-se um deles, sofrendo dores, perseguições, zombarias, e experimentando a morte. Aliás, para muitos de nós, também, isso não é tão fácil de entender assim. No texto que estamos considerando encontramos alguns motivos que explicam a necessidade de o Filho de Deus fazer-se homem, sofrer e morrer, como a seguir:

1. Pela graça de Deus, Jesus precisava experimentar a morte por todos (v.9-15). O salário do pecado é a morte (Rm 6.23) e toda a humanidade está sob a maldição do pecado (Rm 3.23). Nenhum homem, da descendência de Adão, poderia morrer pela humanidade, porém como consequência do seu próprio pecado. Então, alguém sem

pecado deveria pagar o preço do pecado e, assim, expiar a culpa de todos. E Deus estabeleceu que seria o seu Filho Unigênito.

Mas, como poderia fazer isso sendo Deus? Para que a humanidade pudesse ser salva, só havia o caminho da humilhação para o Filho. Ele teria que se fazer homem, tornar-se irmão de homens, para poder experimentar a morte.

Jesus precisava participar da morte para aniquilar a própria morte e o poder do Diabo, libertando os homens do medo e da morte. Uma busca constante dos homens, em todas as religiões, é a da imortalidade. Isso representa um natural anseio dos homens e manifesta o pavor que têm da morte. Morrendo pelos homens, para logo depois ressuscitar, vencendo a morte e provando a possibilidade da imortalidade e da vida eterna, Jesus pôde vencer o domínio aterrador da morte e de Satanás, e ofereceu a todos quantos queiram crer a possibilidade de serem libertados.

2. Como Salvador, Jesus precisava ser mediador perfeito entre os homens e Deus (v. 11-14). E só poderia ser o Mediador perfeito, se tivesse as duas naturezas: divina e humana.

Tornando-se homem, fez-se o cabeça de uma comunidade formada pelos que são salvos por ele,

importância, precisa que seja buscada constantemente pela igreja de Cristo, composta de pessoas regeneradas, nascidas para o reino de Deus, transportadas por Deus para o reino de seu Filho. Buscada não para a salvação, porém para que a carreira cristã possa ser vencida com galhardia pelos que fazem parte da grande congregação dos primogênitos.

Em resumo, o que o autor da carta aos Hebreus está registrando é que a santificação precisa ser valorizada pelos seguintes motivos:

a) A santificação está presente no processo de salvação (v. 14); b) A santificação é resultado da visão do valor do reino de Deus (v. 16,17); c) A santificação é expressamente requerida por Deus (v. 20,21); d) A santificação é uma necessidade daqueles que fazem parte da igreja de Cristo, que estão inscritos nos céus (v. 22-24).

O CORPO DE CRISTO PRECISA RETER O SEU ÂNIMO v. 25-28

O corredor precisa ter o seu espírito vigoroso para conseguir chegar ao final da carreira. Pode estar cansado, afadigado, beirando a exaustão, mas se o seu espírito estiver vigoroso, ele prosseguirá insistentemente buscando o final da carreira. Assim é com a igreja. Precisa ter o seu ânimo aceso, vigoroso, para continuar a carreira cristã. E como esse ânimo pode ser

mantido pela igreja em uma carreira tão difícil? O autor fornece a receita:

a) A igreja não pode deixar a Palavra de Deus v. 25. Os que não deram ouvidos às admoestações celestiais não escaparam de modo algum. Como as igrejas seriam vitoriosas abandonando as Escrituras, a palavra de Deus que nos admoesta para estarmos no caminho correto? As Escrituras são a bússola da nossa vida, é o indicador preciso para que estejamos na carreira correta.

b) A igreja precisa crer fielmente na promessa de que haverá um juízo final v. 26,27. As Escrituras apontam sempre para um dia em que haverá o juízo final, estabelecido por Deus. Jesus prometeu assim, seus apóstolos deixaram sua promessa escrita no Novo Testamento. Na visão no Apocalipse o Senhor Jesus revelou essa promessa ao seu apóstolo João. Por que iria a igreja de Cristo, agora, no século XXI, duvidar da promessa divina? Há uma teologia mentirosa, diabólica, sendo introduzida nas igrejas de Cristo, a de que o juízo final não acontecerá porque a igreja de Cristo transformará o mundo e, quando o Senhor voltar, vai somente estabelecer o seu reino aqui no mundo. Se acreditar nessa mentira, deixando de crer nas Escrituras, a igreja sucumbirá em sua carreira de pregação da salvação através de Jesus Cristo e se desviará

O CORPO DE CRISTO PRECISA PISAR EM CAMINHOS PLANOS v. 13-15

Uma carreira por pistas com obstáculos é muito difícil e torna-se muito mais suave se o caminho for aplaudido. Os pés caminham ligeiro, com precisão e o objetivo é alcançado com mais rapidez. Na vida cristã há necessidade de os membros de uma igreja se ajudarem para que possam correr com mais alegria, sem tropeços. Ao invés de uns ficarem a lançar tropeços para os outros, precisam, como uma equipe, trabalhar para que o caminho de cada um seja aplaudido. Os tropeços precisam ser olhados como acidentes na carreira e os motivos de tropeços precisam ser obstinadamente retirados. A carreira de um é a carreira de todos, dos fortes e dos fracos, do que está enfermo que precisa ser curado e do que está sã que precisa auxiliar seus irmãos.

A falta de paz e a falta de santificação são empecilhos, através, elementos de tropeço que merecem destaque como fatores de impedimento da carreira cristã. A raiz de amargura encontra solo fértil em um coração, contamina a muitos e a paz no corpo de Cristo se vai rapidamente, tornando-o incapaz para a realização da carreira que foi proposta pelo Senhor Jesus, impedindo que pessoas recebam a graça da salvação, vindas de Deus, através de Jesus Cristo.

A imoralidade sexual como prática religiosa (no grego foi utilizada a palavra *pornos* que foi traduzida por *fornicário* ou *impuro* e faz a designação precisa de que o autor se refere à imoralidade sexual) era comum entre os povos não judeus e não pode existir no corpo de Cristo. As imoralidades não podem ser introduzidas nas igrejas de Cristo como se fossem naturais, pois consiste em profanação do que é sagrado, como era a primogenitura que foi abandonada por Esaú. Valores perenes, grandiosamente estabelecidos por Deus, são trocados por experiências fúteis, passageiras, que impedem os servos de Deus de alcançar as bênçãos divinas.

Sem santificação nenhuma pessoa chegará à presença de Cristo. Aqui o autor não estava ensinando salvação pelas obras, mas estava fazendo referência à importância da santificação, da separação do mundo para que uma pessoa possa tornar-se crente em Cristo e ser salva. A palavra grega *agiasmos* significa *separação para o que é sagrado, consagração*. Quando uma pessoa crê em Jesus é regenerado, nasce novamente, sendo separado por Deus para si próprio, o Deus soberano que faz questão da sua própria santidade e de que tudo o que concerne à sua pessoa seja sagrado (v. 19-21). Essa é a santificação para a salvação, o novo nascimento. Sendo de tanta

os quais são por ele mesmo conduzidos à glória. Dessa forma ele eleva os homens a uma nova posição no universo. Identificou-se com a raça, de modo que Salvador e salvos, compartilhando da mesma natureza, são feitos irmãos.

Jesus precisava assumir o papel de perfeito Sumo Sacerdote. Tendo encarnado, tendo sofrido as tristezas, as dores e as tentações dos homens, o Filho pôde se tornar o Sumo Sacerdote perfeito, compassivo e misericordioso, pronto para socorrer os pecadores.

A NECESSIDADE DE CRENÇA ABSOLUTA NAQUELE QUE SE HUMILHOU - (3.1-19; 4.1-13)

Em todo o capítulo 3 e nos versículos 1 a 13 do capítulo 4, o escritor está fazendo um apelo aos seus leitores, baseado no fato da encarnação e humilhação do Filho, para que tivessem fé no seu sacrifício e fossem obedientes à sua palavra. Eram judeus que reverenciavam Moisés, que ainda criam no sistema sacerdotal do Velho Testamento e que precisavam olhar para Jesus com suprema reverência, com fé perfeita nele, sob pena de não receberem a salvação, assim como o povo de Israel não entrou no repouso, ou seja, na terra prometida.

Em sua exortação podemos destacar três aspectos:

1. A necessidade de se crer em Jesus em suas verdadeiras funções (v. 3.1,2). A saber, como fiel apóstolo de Deus e como Sumo Sacerdote. Jesus não foi meramente um dentre muitos servidores de Deus em sua revelação, mas foi seu Apóstolo, isto é, enviado especial detentor de poderes para representar Deus, e redimir os homens. Como sumo sacerdote, Jesus veio para oferecer a Deus, pelos homens, o grande sacrifício, que foi ele próprio, e colocou-se na posição de intercessor pelos que crêem nele.

2. A necessidade de se reconhecer que Jesus é superior a Moisés (v. 3-6). Os judeus consideravam a Lei de Moisés como a revelação consumada de Deus. Os crentes em Cristo, entretanto, devem se desvincular do culto judaico, da confissão judaica, que se centralizava na Lei, porque Jesus é superior a Moisés. Este foi fiel como servo, servidor da casa de Deus (o povo de Deus) mas Jesus foi fiel como Senhor, como o próprio Filho de Deus.

Nenhum homem, por mais fiel que tenha sido como servo de Deus, pode ser comparado a Jesus que é o próprio Filho de Deus.

3. A realidade da condenação para os que endurecem seus corações para com Jesus Cristo (v. 17-18; 4.1-13). O autor da Carta aponta com muita veemência para o exem-

plo da incredulidade dos seus antepassados como a causa de não terem alcançado a terra prometida, o repouso. Apela para que seus leitores não cometam o mesmo erro, lembrando que tanto naqueles dias, como agora, a voz do Espírito de Deus se faz ouvir.

O ouvir e o obedecer é colocado pelo autor como uma responsabilidade pessoal. Ele alerta: "...não endureçais o vosso coração." A condenação é uma realidade para os que endurecem seus corações e não dão ouvidos às palavras de Cristo, ficando impedidos de crerem nele como Salvador, como o Filho de Deus.

O autor finaliza seu argumento lembrando que o não crer no Filho de Deus coloca o homem a descoberto diante do próprio Deus, que utiliza a sua Palavra como padrão de aferimento para discernir as intenções do coração do homem.

LIÇÕES PARA A VIDA

1. Os perigos que temos de enfrentar, como participantes da vocação celestial, são: As perseguições, as tentações, e as falsas doutrinas. Ouçamos a exortação: Hoje se ouvirmos sua voz não endureçamos os corações. A falta de fé é provocação a Deus.

2. A certeza de que Jesus sabe, por experiência, de nossos sofrimentos

e tristezas, e conhece o peso da tentação, deve nos estimular a confiarmos em sua ajuda. Ele é compassivo e nos socorre.

3. Fomos feitos irmãos do Filho de Deus. Isso envolve honra e privilégios que não podemos entender agora. Enchamos nossos corações de gozo, mesmo que aqui estejamos enfrentando provações.

4. Quando realizamos a obra de missões estamos divulgando a notícia da encarnação do Filho, e da obra que ele realizou para salvar os pecadores. Dessa forma aumenta o número dos que são conduzidos por ele à sua própria glória. Jesus quer que apressemos essa obra.

Conheça aspectos maravilhosos da pessoa de Jesus, lendo JESUS CRISTO, O AUTOR DA NOSSA FÉ, desta editora.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 2:5-12

Terça - Hebreus 2:13-18

Quarta - Hebreus 3:1-6

Quinta - Hebreus 3:7-9

Sexta - Hebreus 4:1-13

Sábado - João 1:1-14

Domingo - Isaías 53:1-12

Estudo 12

Pastor Dinelcir de Souza Lima

CORRENDO A CARREIRA CRISTÃ COMO CORPO DE CRISTO

Hebreus 12.12-29

A carreira na vida cristã é individual, porém não é solitária. É uma carreira com muitos participantes que, apesar das suas diferenças de natureza pessoal, devem ser perfeitamente unidos entre si e devem ter um objetivo espiritual comum, o de agradar sempre a Deus. Isso porque é uma carreira que deve ser cumprida por pessoas que compõem o corpo de Cristo.

Por isso, depois de incentivar os crentes como indivíduos, o autor da carta aos Hebreus passa a orientar os crentes a viverem o cristianismo em equipe, como igreja que tem muitos membros.

No texto que destacamos para este estudo, encontramos, pelo menos, as seguintes recomendações:

O CORPO DE CRISTO PRECISA PROSSEGUIR COM FIRMEZA v. 12

"Levantai as mãos caídas e os joelhos paralisados", conclama o

escritor, indicando a necessidade de se correr com vigor e firmeza, com passos firmes e cadenciados. Os braços de um corredor indicam seu cansaço. Ele começa a corrida com os antebraços erguidos e, aos poucos eles vão caindo ao longo do corpo. Na exaustão ficam jogados e se lançam a esmo com o balanço dos passos. Os joelhos mais ainda. No cansaço ficam sem firmeza e fazem com que o corredor cambaleie até cair.

O apóstolo Paulo comparou a igreja de Cristo a um corpo, relacionando os membros das igreja com os membros de um corpo. E, aqui neste texto, observamos que o autor da carta aos Hebreus também utiliza essa figura para dizer que precisamos prosseguir como corpo de Cristo e com firmeza. Um corpo bem ajustado, com ânimo e vigor, que não fica estagnado, marcando passo, mas que prossegue procurando soerguer-se sempre, buscando vigor em sua própria natureza espiritual.

Jesus veio nos conceder (Jo 10.10); vivamos a vida de serviço que o Senhor requer de seus discípulos, vivamos a vida de sujeição que Deus deseja de cada um de nós, vivamos a vida de participação da santidade de Deus (v. 10).

3. Somos corrigidos para sermos justificados - v. 11. Justificação é correção, é tornar reto, é tornar como deveria ser. Somos terrivelmente desvirtuados pelo pecado e fomos justificados pelo sangue de Jesus Cristo para nossa salvação. Mas precisamos continuar sendo justificados por ele, precisamos continuar sendo corrigidos, porque, apesar de sermos salvos, regenerados por Cristo, ainda temos a natureza de pecado. Essa terrível realidade na vida do crente foi declarada pelo apóstolo João quando escreveu a sua primeira carta aos crentes primitivos, dizendo que se andarmos na luz o sangue de Jesus Cristo continua nos purificando de todo o pecado, e que se confessarmos os nossos pecados, Jesus Cristo é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça (1Jo 1.7,9).

Ora, na carreira cristã, pela nossa natureza de pecado, temos a tendência de cambiar nossos passos em direção ao pecado, às trevas. Se isso acontecesse, deixaríamos de ser purificados, deixaríamos de reconhecer nossos pecados, de os confessarmos e deixaríamos de ser

justificados. Mas, amorosamente ele nos corrige, nos traz de volta ao rumo certo, nos fazendo andar na luz e nos justificando, produzindo, assim, a paz em nosso coração. Paz que sobrepuja todo o cansaço e toda tristeza produzida pelas correções.

CONCLUINDO

Ao obedecermos a Cristo ouvindo o seu chamado e entregando nossa vida a ele, como Senhor e Salvador, fomos colocados em uma carreira que só terá fim na eternidade, quando nos encontrarmos com ele nos céus ou na sua volta se ainda estivermos aqui.

Não é uma carreira fácil de ser percorrida porque tem muitos obstáculos naturais e pecaminosos; porque muitos alvos e exemplos desvirtuados são colocados diante dos nossos olhos. Mas, depositando nossa confiança em Cristo, agindo com fé deixando os embaraços para trás, e aceitando as correções que vêm do Senhor Jesus, certamente chegaremos ao final da carreira guardando a fé em Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Gálatas 3*

Terça - *Filipenses 2*

Quarta - *Gálatas 6.1-10*

Quinta - *Provérbios 3.1-12*

Sexta - *Salmo 73*

Sábado - *1João 1*

Estudo 3

Pastor Delcyr de Souza Lima

CRISTO, O SUPREMO SACERDOTE

Hebreus 4:14 a 5:11

Nos dois primeiros estudos consideramos a supremacia de Jesus na revelação de Deus aos homens, sua superioridade sobre os anjos, e sua superioridade em relação a Moisés e à Lei que ele representava. Agora consideraremos a supremacia de Jesus sobre o sacerdócio. Ele é apresentado pelo autor da Carta aos Hebreus como nosso grande Sumo Sacerdote, superior a todos os sacerdotes, tanto pela sua natureza como pela obra completa e suficiente que fez para expiação de nossos pecados.

Aqui deve ser observado que dois fatos impediam os judeus de dedicarem os seus corações a Jesus Cristo de uma maneira plena, abolindo os costumes do Velho Testamento: Primeiramente um apego pessoal à tradição religiosa que trazia em si o culto sacrificial, praticado durante dezenas de séculos; e, em segundo lugar, a insistência de judeus não convertidos que se empenhavam em manter essa tradição, interessados em manter o

culto sacrificial no Templo de Jerusalém, em manter o status de líderes religiosos pois, através da prática religiosa, exerciam grande poder político sobre o povo.

Ora, se no culto do Velho Testamento existia a figura do Sumo Sacerdote, como sendo o principal dos sacerdotes na hierarquia religiosa dos judeus, a apresentação de Jesus como o perfeito Sumo Sacerdote é o principal caminho adotado pelo autor da Carta no intuito de fazer com que seus leitores compreendam que, em Jesus Cristo, todos os elementos de culto contidos no Velho Testamento foram substituídos e, consequentemente, abolidos (ver Hb 8.13).

AS RAZÕES DE JESUS SER O GRANDE SUMO SACERDOTE

4:14-16

Nesse texto encontra-se o tema principal da Carta aos Hebreus. O autor usa palavras enfáticas para introduzi-lo: “*Tendo portanto um*

grande Sumo sacerdote..." Por que Jesus é o grande Sumo sacerdote? Eis as razões:

1. Jesus é o Filho de Deus (v. 14). Não um filho de Deus por adoção, ou por ter sido criado por Deus, mas o Filho de Deus unigênito. Essa é a essência da crença em Jesus como Salvador (Jo 3.16). Outros sacerdotes foram, no Velho Testamento, homens comuns, filhos de Deus porque pertenciam ao povo de Deus, mas não gerados pelo próprio Deus.

2. Jesus penetrou nos céus (v. 14). Fez o que nenhum outro sacerdote humano poderia fazer: penetrar nos céus ainda na função de Sumo Sacerdote. Os sacerdotes eram homens especialmente chamados por Deus para servir de intermediários entre ele e os homens oferecendo sacrifício a Deus, por ele próprio e pelos que desejavam cultuar. Eram humanos e, portanto, limitados e imperfeitos em suas relações com Deus. Eles compreendiam perante um altar terreno, simbólico. O Sumo Sacerdote entrava no lugar do templo que chamava de lugar santíssimo, somente uma vez por ano para oferecer sacrifício pelo povo. Esse lugar também era terreno, e apenas simbolizava o lugar da habitação de Deus. Mas Jesus entrou realmente no céu, indo à presença real de Deus e permanecendo como o eterno intermediário entre Deus e os homens.

3. Jesus não teve pecado (v.15). Os sacerdotes eram humanos e, portanto, pecadores. Eram imperfeitos e, conforme o autor da carta deixa implícito, agiam mecânicamente em suas funções, sem experimentarem compaixão pelos pecadores. Além disso, precisavam oferecer sacrifícios por seus próprios pecados. Mas Jesus foi gerado sem natureza de pecado e, tendo sido tentado em tudo, saiu vencedor. Ele não precisava oferecer sacrifício pelo seu pecado como os sacerdotes do culto judaico. Ele não tinha pecado.

4. Jesus é o Sumo Sacerdote que pode nos socorrer (v. 15,16). O autor da carta, tendo mostrado a natureza e o trabalho de Cristo como sumo sacerdote, passa a encorajar os crentes judeus. Eles estavam sofrendo perseguições e, portanto, a tentação de desanimarem, de deixarem a fé cristã. O autor, então, aconselha os a reter, isto é, a guardar, a segurar bem a fé e a esperança que haviam depositado em Cristo. O motivo para reter a fé é que Jesus, o verdadeiro sumo sacerdote, se compadece de nossas fraquezas, de nossas limitações, de nossas dificuldades e tentações, porque ele mesmo as conhece. Ele também foi tentado a dar as costas à vontade de Deus, quando, no deserto, Satanás lhe ofereceu os reinos deste mundo. Mesmo tentado, ele não caiu. Permaneceu sem pecado.

A nossa fé se origina em Cristo e é destinada à vida com Cristo. A nossa fé tem autoria em Cristo e consumação em Cristo. Por isso não devemos olhar para mais nada, para mais ninguém e devemos seguir olhando para ele com obstinação. Os que correm conosco devem olhar para ele também e se olharem são bem-vindos como companheiros, como co-participantes da carreira cristã, mas, se não olharem, devem ser rejeitados como exemplo de fé e como alvo da nossa fé.

Se corrermos a carreira cristã olhando para Cristo:

1. Estaremos olhando para aquele que suportou tudo e sentou-se à destra de Deus - v. 2. Suportou sofrimentos terríveis, suportou a cruz, enfrentou a morte, mas ressuscitou e voltou à sua posição de Senhor de todas as coisas, de Todo-poderoso.

2. Estaremos sendo fortalecidos no combate contra o pecado - v. 3,4. Deixar de considerar o exemplo de Cristo é fatal para o crente, é caminhar céleste para o enfraquecimento espiritual, é estar no caminho do desânimo, até ao desmaio espiritual, porque o combate contra o pecado é difícil, terrivelmente cansativo para o crente. Mas precisamos resistir contra o pecado e, se necessário, até o sangue, como aconteceu com Jesus. E isso só faremos se tivermos sempre a visão de Jesus diante de nós.

A CARREIRA CRISTÃ PRECISA SER CORRIDA SUPORTANDO AS CORREÇÕES - v. 5-11

Um dos aspectos mais importantes para a vitória de um atleta é o seu treinamento, e um treinamento é algo extremamente cansativo física e psicologicamente. O treinamento baseia-se, principalmente, em exercícios repetidos inúmeras vezes e, quando em um dos exercícios o atleta erra, tem que corrigir o erro. Um erro que é apontado pelo seu treinador, por aquele que o prepara para a corrida. Um atleta que não aceita correções, que não aceita ser disciplinado, está fadado à derrota.

Na vida cristã é exatamente assim, e quem nos corrige, quem nos aponta do caminho correto é o próprio Senhor Jesus. Ele é o nosso treinador, o nosso aferidor. Ele nos corrige **repreendendo** (v. 5), **açoitando** (v. 6), **disciplinando** (v. 8). O autor aponta alguns elementos da correção que o Senhor nos impõe, que nos fazem suportá-las até mesmo com alegria:

1. Somos corrigidos como filhos - v. 5-8. Filhos amados, filhos corrigidos, filhos participantes da comunhão com o Pai.

2. Somos corrigidos para vivermos - v. A correção que o Senhor nos impõe, muitas vezes com verdadeiros açoites, não é para que morramos, mas para que vivamos. Vivamos a vida abundante que

necessidade dessa paciência ativa está explícita no texto através das seguintes recomendações:

1. Deixemos todo embaraço. Há situações na vida do crente que não se configuram em pecado, propriamente dito, mas que se configuram em embaraços, em impedimentos de servir a Deus, de viver a vida cristã com fé. Existem situações familiares, de trabalho secular, de busca de conhecimento que podem, em determinados momentos, mesmo não sendo pecaminosas, interferir na vida cristã. Precisam, ser deixados de lado com paciência e obstinação.

2. Deixemos o pecado que nos rodeia. O mundo inteiro jaz no maligno e o pecado está sendo praticado ativamente pela maioria absoluta da humanidade. Uma das grandes artimanhas de Satanás neste século é fazer com que o pecado seja olhado e praticado com naturalidade, como se não fosse pecado. Com isso ficamos passivos diante do pecado, ou ativos em praticar pecados e deixamos de correr com eficiência a carreira cristã. Precisamos reconhecer que o pecado nos rodeando cada vez mais é uma realidade e precisamos deixar de lado tudo o que se constitui pecado, tudo o que se constitui desobediência à vontade de Deus.

3. Corramos a carreira que nos está proposta. Ao que parece, tão logo o

Senhor Jesus subiu ao céu e as igrejas de Cristo começaram a surgir, pessoas passaram a pregar um evangelho diferente do evangelho de Cristo, começaram a propor “carreiras cristãs” diferentes daquela que nos foi proposta pelo Senhor. Logo surgiram aqueles que passaram a ensinar e exigir que os crentes em Cristo fizessem obras para serem salvos (por exemplo, no século III, Cipriano, Bispo de Cartago, escreveu que “é preciso se aplicar às obras, pois é por causa delas que se perdoam os pecados”- *Sobre os Apóstatas* XXXV C.C. 240-241). Hoje vivemos completamente desviados da carreira proposta e, teimosamente, muitos continuam correndo para mais distante ainda. Mas, se temos fé em Jesus Cristo, precisamos correr a carreira que foi definida por ele, sem pisarmos nem para a direita, nem para a esquerda.

A CARREIRA CRISTÃ PRECISA SER CORRIDA OLHANDO PARA CRISTO - v. 2

Se um maratonista correr olhando para os lados, ou se correr olhando para baixo, ou se correr seguindo exemplos de maratonistas medíocres, ineficientes, certamente será um derrotado. Na carreira cristã é assim também. Nessa carreira definida por Jesus o exemplo máximo também é ele.

Vitorioso sobre a tentação, Jesus se compadece dos homens e sabe o que é necessário para que vençamos. Conhece a grande luta que se trava para que o crente vença a tentação e prossiga na carreira da fé. Os crentes são então encorajados a buscar o trono da graça de Deus. Esse trono da majestade de Deus, para os crentes, é a fonte de onde vem poder para vencer as tentações, pois Cristo está a destra do Pai como nosso mediador. Devemos ir a Deus com confiança, isto é, com liberdade, com franqueza para expor a ele as nossas necessidades, pois nele encontramos disposição para nos ajudar no tempo da tentação, nos momentos de adversidade e aflição. Ele nos socorrerá antes que caiamos vencidos pela tentação.

Aqui cabe uma observação importante. Há pessoas que defendem o pensamento de que Jesus foi tentado em todas as misérias pecaminosas humanas, inclusive pecados sexuais, como homossexualismo e adultério. Isso não é verdade e esse texto não pode ser tomado como base para esse pensamento porque Jesus não tinha a natureza de pecado que nós temos e que foi produzindo uma deterioração moral e espiritual da humanidade. As tentações dos homens são de acordo com a sua própria natureza pecaminosa, de rebeldia contra Deus. As tentações de Jesus

de Jesus foram de acordo com a sua natureza pura, sem pecado, de perfeita obediência ao Pai.

CRISTO E AS FUNÇÕES DO SUMO Sacerdote 5:1-10

Neste texto o autor da Carta passa a fazer uma comparação entre as funções do sumo-sacerdote e Cristo, demonstrando suas funções e ações sacerdotais em favor da humanidade.

1. Obra do sumo sacerdote. Uma vez por ano, no Templo em Jerusalém, ele oferecia sacrifício pelos seus próprios pecados e depois entrando no lugar chamado santíssimo, aspergia sangue do animal sacrificado sobre o altar: (Comparar com Levítico 9:7-18). O sacrifício oferecido todo ano, no dia da expiação, era símbolo do sacrifício perfeito que Deus planejara e que se realizaria com a vinda do Messias, a saber, o sacrifício do seu próprio Filho, o Cordeiro. Era uma obra simbólica de um fato que aconteceria no futuro.

2. Qualificações. O autor da Carta menciona algumas qualificações necessárias para a constituição do sumo sacerdote e, também mostra que Jesus tinha essas qualificações, sendo elas superiores às que eram exigidas dos homens comuns. Vejamos essa qualificações:

a) Para sumo sacerdote devia ser tomado um dentre os homens, um que pudesse compadecer-se de ignorantes e pecadores (v. 1,2). Jesus foi feito homem, verdadeiro homem e como tal satisfazia essa condição.

b) O sumo sacerdote não podia, por sua vontade própria, revestir-se da função. Era necessário que Deus o chamasse, como o fez com Arão. (Conferir com Êxodo 28:1-2). Ora Jesus foi chamado por Deus e constituído sumo sacerdote de uma ordem eterna. Quando Jesus ressuscitou foi reconhecido como Filho, e declarado abertamente sacerdote de uma qualificação diferente da de Arão, isto é, a ordem de Melquisedeque.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. A verdadeira religião não se assenta nem em poder nem em méritos, nem em obras humanas. Assenta-se em Deus e nas suas providências a nosso favor. Aí está o evangelho. Não sacrifícios. Nossa sacrifício já foi feito, o próprio Cristo. Isso nos leva a ficarmos tranqüilos quanto à nossa segurança. E nos deve levar a ter misericórdia dos que ainda seguem religiões de sacerdotes, imagens e missas, que nenhum valor têm.

2. Nosso sacerdote pode se compadecer de nossos erros. Se pecarmos, aproximemo-nos dele. Se con-

fessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar.

3. Retenhamos firmemente a nossa confissão. É a exortação do autor da Carta aos Hebreus aos seus leitores. É um apelo para nós também. Desde que o nosso Sacerdote é Jesus Cristo, que motivo haveria para duvidarmos, para fraquejarmos, para vacilarmos ante filosofias e ventos de doutrina?

4. O privilégio de se aproximar de Deus era, antigamente, restrito a um pequeno número de líderes religiosos privilegiados por causa da função sacerdotal que passava de pai para filho dos da tribo de Levi, mas com o sacerdócio de Cristo todos os servos de Cristo podem se aproximar de Deus e cultuá-lo pessoalmente, todos podem buscá-lo com a certeza de que seremos atendidos. E o que há de muito importante: Sem precisarmos praticar nenhum sacrifício pessoal.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Hebreus 4:14-16*

Terça - *Hebreus 5:1-10*

Quarta - *João 10:11-18*

Quinta - *1 Timóteo 2:1-7*

Sexta - *Efésios 2:11-18*

Sábado - *Romanos 8:31-37*

Domingo - *Romanos 5:1-11*

Estudo 11

Pastor Dinelcir de Souza Lima

CORRENDO A CARREIRA CRISTÃ

Hebreus 12.1-11

A CARREIRA CRISTÃ PRECISA SER CORRIDA COM PACIÊNCIA - v. 1

Tendo recordado aos seus leitores grandes exemplos de fé de servos de Deus do passado, que viveram no tempo do Antigo Concerto, fazendo-os lembrar como foram obstinados e vitoriosos por causa da fé que depositaram incondicionalmente em Deus, o autor da carta passa, então a incentivar seus leitores a viverem a vida cristã como se estivessem em uma carreira, ou melhor, em uma maratona, e como se aqueles servos do passado formassem uma grande platéia de torcedores experientes, que haviam vencido a corrida.

A figura utilizada era muito conhecida na época e também em nossos dias. É como se estivéssemos correndo uma maratona, cheia de obstáculos, mas com uma platéia de assistentes que já passaram pelas mesmas provas que nós, cujos exemplos nos incentivam a prosseguir corajosamente em frente.

Desse texto da carta, através do exemplo utilizado pelo autor, podemos observar que:

Já pudemos registrar, em estudo anterior, que a paciência é atitude inerente à fé, que sem paciência para esperar em Deus não existe fé e que é necessária paciência para se fazer a vontade de Deus (10.36). Agora o autor volta a falar de paciência, porém de uma paciência ativa e não passiva.

Ao que parece hoje vivemos dois extremos perigosos com respeito à fé em Jesus Cristo: Há os que não querem ter paciência e são incentivados a se tornar impacientes com respeito às promessas de Deus, a exigirem que Deus aja em suas vidas de imediato, e há os que confundem paciência com inoperância ou com passividade diante dos desafios que surgem ao longo da vida cristã.

As duas atitudes estão erradas. O crente precisa ser paciente, mas precisa ser um paciente ativo. A

mentos, não é para que não sejamos castigados, não é por obrigação, porém deve ser para agradar aquele que fez tudo, que nos deu o Seu Filho, para morrer pelos nossos pecados, para nos dar a salvação. A vida cristã deve ser uma vida de fé, com o intuito de agradar a Deus.

7. Fé que se manifesta em atos - cap 11. O autor da carta, no trecho que encontramos em todo o capítulo 11, relembra de vários servos de Deus, que viveram antes do Novo Concerto, mas que manifestaram a sua fé através de atos para com Deus:

a) Atos de ofertas voluntárias - Abel **ofereceu** sacrifício a Deus (v. 4); Moisés ofereceu sua vida a Deus, preferindo pertencer ao povo de Deus que ser um príncipe no Egito (v. 24-26);

b) atos fundamentados na confiança na Palavra de Deus - Noé preparou a arca (v7), Abraão ofereceu seu filho em sacrifício (v. 17,18), Isaque abençoou Jacó (v. 20) Jacó abençoou os filhos de José (v. 21), José anunciou a saída dos filhos de Israel do Egito (v. 22) ; Moisés deixou o Egito, não temendo a ira do rei (v. 27), celebrou a Páscoa confiando que Deus protegeria os filhos primogênitos do seu povo (v. 28), atravessou o Mar Vermelho (v. 29); Josué levou o povo a rodear Jericó, esperando que Deus agisse derrubando os muros (v. 30), Raabe acolheu os espias (v. 31);

c) atos motivados pela obediência incondicional a Deus - Abraão deixou sua terra e saiu em busca da terra prometida por Deus (v 8,9), entregou seu filho para ser sacrificado a Deus (v. 17); servos de Deus foram torturados, escarnecidos, açoitados, apedrejados, mortos, maltratados, desamparados, perseguidos (v. 35-37).

Foram homens e mulheres que viveram da fé e que manifestaram essa fé em atos que ficaram registrados para toda a humanidade até a volta de Cristo. Homens e mulheres que sofreram neste mundo, que viveram para Deus, mas que alcançaram vitória espiritual, na eternidade e serviram de exemplo para todos nós que já alcançamos a promessa da vinda do Senhor Jesus Cristo, que vivemos o Novo Concerto, quando o plano de Deus para a salvação do homem foi consumado no sacrifício de Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 11.1-22
Terça - Gênesis 12
Quarta - Gênesis 22
Quinta - Hebreus 11.23-31
Sexta - Éxodo 2.1-10
Sábado - Josué 6

Estudo 4

Pastor Delcyr de Souza Lima

A NECESSIDADE DE CRESCIMENTO E PERSEVERANÇA NA FÉ

Hebreus 5:12 a 6:20

EXORTADOS A CRESCER 5.12-14; 6:1-3

O autor da Carta, depois de fazer ver que Jesus Cristo se tornou a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem, declara formal e diretamente qual a situação espiritual em que estavam, o motivo daquele estágio e ensina o caminho que deveria ser tomado:

1. A situação em que se encontravam (v. 12,13) - Estavam ainda em estágio tão inicial que era necessário que ainda aprendessem os rudimentos, as coisas mais simples, da fé cristã . Eram como meninos que se alimentavam do leite espiritual, sem possibilidade de receberem alimento sólido. Mas era uma situação anormal, pois já deveriam ser mestres. Eram, na realidade, retardados na fé. Havia ficado estacionados nos rudimentos do evangelho. Por causa da negligência, não aprenderam o que era necessário saber a respeito da pessoa e da obra de Jesus.

2. O motivo da falta de crescimento (v. 11,14) - A falta de crescimento tinha não era culpa de pastores, nem de mestres, nem de apóstolos, nem de qualquer outra pessoa, mas dos próprios crentes: Havia sido **negligentes** para ouvir os ensinamentos. Por causa da negligência não haviam aprendido e por não terem aprendido, não cresceram perfeitos. Não tendo crescido perfeitos, não tinham condição de **discernir** entre o bem e o mal, para que pudessem resistir com firmeza a qualquer engano que lhes fosse apresentado.

3. O caminho que deveriam tomar (6.1-3) - Era preciso que fizessem o que antes não haviam feito, e por isso mesmo estavam sendo tentados a retornar ao judaísmo. Era preciso **sair** dos rudimentos insuficientes e **proseguir** até se tornarem adultos. A base para essa atitude o escritor já lhes dera, ao lhes demonstrar que Jesus é superior aos anjos, a Moisés e à Lei, e que Jesus é o nosso grande Sumo Sacerdote.

EXORTADOS A PERSEVERAR 6:4-12

A questão de admitir que os hebreus pudessem apostatar, isto é, pudessem abandonar a fé cristã para voltar ao sistema religioso do judaísmo, levanta outra questão teológica atual, que é a admissão da possibilidade de as pessoas crentes, salvas por Jesus, estarem sujeitas a perderem a salvação. Há quem

se confunda e indique esse texto para justificar a idéia da perda da salvação.

No entanto, o texto não fala da queda de pessoas realmente regeneradas e salvas, mas de pessoas que, participantes da graça de Deus, envolvidas nos acontecimentos da operação de Deus para a realização do plano de redenção, no estabelecimento da transição do Velho para o Novo Concerto, retrocederam sem prosseguir fazendo parte do plano de Deus, rejeitando a pessoa do Filho de Deus como Salvador.

Para tais não haveria mais nenhuma esperança de salvação, visto que o evangelho não se repetiria. A providência de Deus de entregar seu Filho em sacrifício vivo é única na História, teve o seu momento. Voltar aos sacrifícios de animais, depois de Jesus ter sido sacrificado em sacrifício único e definitivo, e voltar ao sacerdócio humano, depois de Jesus ter assumido o lugar de único mediador entre Deus e os homens, era perder toda a oportunidade final da salvação.

O autor da Carta estava fazendo uma alusão ao povo hebreu, povo de Deus, que havia sido iluminado por Deus, que havia provado do dom celestial, que fora participante da obra do Espírito Santo e que vivera experiências marcantes com o cumprimento da Palavra de Deus, mas que caíra não recebendo Jesus

Cristo e seus apóstolos. Não precisamos de outro fundamento a não ser a fé que depositamos em Jesus Cristo como o Filho de Deus, morto e ressuscitado, assunto aos céus, que virá como juiz de todos. Não precisamos de nada para comprovar a nossa esperança, a não ser a palavra de Jesus Cristo (Jo. 5.24).

4. Fé que comprova o que não vemos 11.1. Não precisamos ver o reino de Deus para saber que ele existe; não precisamos ver milagres para reconhecermos o poder de Jesus Cristo; não precisamos ver o futuro para sabermos o que nos aguarda; não precisamos de símbolos de cultos para sabermos que Deus está presente quando nos reunimos em nome do nosso Senhor Jesus Cristo; não precisamos de imagens à nossa frente para sabermos que estamos falando com Deus; não precisamos ver o inferno ou o céu para sabermos que eles existem. Não precisamos ver Jesus Cristo à direita do Pai, para sabermos que ele lá está, intercedendo por nós. A fé que temos em tudo o que o Senhor Jesus nos ensinou e prometeu é a comprovação de tudo o que não vemos.

5. Fé que nos faz crer na Palavra de Deus 11.3. Fé é crença, é confiança, é obediência. O pecado entrou no mundo porque o homem descreu da palavra de Deus (Gn 3.1-5) e o pecado tem tomado grande vulto no

seio da humanidade exatamente pelo descrédito que o homem tem dado à Palavra de Deus. Esse descrédito, baseado em ciências humanas que são falhas, que se contradizem, tem penetrado em nosso meio e não é incomum encontrarmos pessoas que se dizem crentes em Cristo tentando, por todos os meios, fazer com que outros deixem de dar crédito às Escrituras, Palavra de Deus escrita, conforme afirmação do próprio Senhor Jesus Cristo. É pela fé que cremos que o universo foi criado e que foi criado pela palavra de Deus (Jo 1.1-3).

6. Fé que agrada a Deus 11.4-6. Deste ponto da carta em diante, o autor passa a se referir a homens e mulheres que viveram notórias experiências de fé na palavra de Deus, com o intuito de exemplificar o valor de uma vida de confiança e obediência à palavra de Deus. Nos versículos 5 e 6, o autor da Carta fala da fé de Enoque que **agradou** a Deus e declara categoricamente que não existem meios de se agradar a Deus sem fé. Fé que é manifestada na crença inabalável na sua existência e, também, na crença de que ele recompensa grandemente aos que o buscam.

A vida cristã, no Novo Concerto, não é uma vida de obrigações, porém uma vida que deve agradar a Deus. Se procuramos cumprir sua palavra, seus preceitos, seus manda-

(quando todas as coisas perecerão), lembrando que será um momento de perdição ou conservação da alma (v.39).

A fé que deve ser natural ao crente em Cristo é uma fé para preservação do que é eterno e não do que é material. O Senhor Jesus nunca requereu que seus servos tivessem fé para manutenção do corpo (Mt 10.28-33), ou para aquisição de bens materiais (Lc 12.15-20). Ele sempre pregou que a crença nele é necessária é para a vida eterna, para a conservação da alma. Se tivermos algum tipo de fé que não aponte para a conservação da nossa alma, essa fé é inútil porque perecerá como tudo que existe neste mundo há de perecer e não será, de modo algum, a fé de quem pertence ao Senhor Jesus, de quem é, de fato, discípulo dele.

2. Fé que faz prosseguir crendo em Jesus Cristo como Salvador v. 39.

A fé do crente em Jesus como Salvador, como aquele que concede a vida eterna, faz com que seja persistente em viver como discípulo de Cristo, como um verdadeiro cristão. O autor da carta é taxativo em dizer que os crentes não são dos que recuam. Não há possibilidade de recuo para aquele que experimentou a salvação da sua alma concedida por Jesus Cristo, que foi regenerado e que, por isso, foi transportado para o reino de Jesus Cristo (Cl 1.13).

É fácil compreender o que o autor da carta nos diz, se nos recordarmos que os judeus depositavam sua fé em um sistema religioso e em si próprios, no sentido de se sentirem justos desde que guardassem todos os princípios legais estabelecidos por Moisés e acrescentados ao longo dos séculos por líderes religiosos. Para eles era fácil recuar, era fácil passar por decepções. Além disso, se uma pessoa cresse em Cristo somente para preservação da matéria, certamente um dia se decepcionaria com a sua fé, porque Jesus não veio para resolver problemas materiais, porém para salvar a alma do indivíduo.

Precisamos alimentar essa fé que nos faz estar arraigados em Jesus Cristo, que nos faz avançar sempre na pregação do evangelho, no amor pelas Escrituras, no apego aos ensinamentos de Cristo e seus apóstolos.

3. Fé que fundamenta a nossa esperança 11.1. O cristianismo moderno quer fundamentar a esperança em visões e em revelações. Mas a fé do crente na Palavra de Deus precisa ser o fundamento da sua esperança. Fundamentar a fé em milagres, em curas, em palavras de homens corruptos e corrompidos, é ter a esperança limitada a este mundo, porque só sabemos da eternidade pela Palavra de Deus, pelas pregações do Senhor Jesus

como o Messias (v. 4 a 6), crucificando-o e tornando a crucificá-lo em seus corações e atos de ensinamentos de rejeição.

Essa referência à situação dos hebreus não convertidos e sem possibilidade de arrependimento, não significa que pessoas que creram em Jesus Cristo e, por isso, foram regeneradas e transformadas em filhos de Deus, possam vir a cair na perdição.

Lembremo-nos que o autor da Carta estava escrevendo a hebreus convertidos a Jesus Cristo e que, portanto, separados dos demais no que concerne à participação do plano de Deus para a salvação. Deveriam olhar para os irmãos de raça que rejeitaram a Cristo como terra reprovada por produzir somente espinhos e abrolhos, como terra que está perto da maldição, cujo fim é ser queimada. Quanto a eles, crentes em Jesus Cristo, tendo recebido a mesma chuva, a mesma bênção da vinda do Messias, eram terra abençoada, por terem produzido algo de bom para seu lavrador, o próprio Deus.

Tendo essa visão, são conclamados a perseverarem na fé em Jesus Cristo, produzindo coisas que acompanham a salvação (v. 9), confiantes na justiça de Deus (v. 10) e sendo imitadores dos que com paciência e fé herdaram as promessas (v. 11).

EXORTADOS A RETER A ESPERANÇA - 6.13-20

Os judeus não convertidos perderam a esperança nas promessas de Deus. Eram descendentes de Abraão, mas não viveram como Abraão, que confiou plena e pacientemente nas promessas de Deus. E eles influenciavam os judeus convertidos nessa falta de esperança, de fé na promessa de Deus.

Por isso o autor da carta aos Hebreus lembra aos judeus convertidos da necessidade de reter a esperança, tal qual o patriarca, e aponta para dois motivos principais:

1. O crente deve reter a sua esperança porque Deus não pode mentir. Se Deus prometeu a salvação através do seu Filho, Jesus Cristo, então essa salvação é garantida pela palavra empenhada por Deus, cujo caráter é perfeito e verdadeiro, cuja natureza de perfeita santidade faz com que não exista nele qualquer possibilidade de mentir. Essa é a âncora da alma do crente. Âncora segura e firme.

2. O crente deve reter a sua esperança por causa da qualidade eterna de Jesus como nosso sumo sacerdote. Jesus entrou definitivamente na presença do Pai e, nessa posição, exerce o perfeito, supremo e eterno sacerdócio em

favor dos que creram nele. Seu sacerdócio não terá fim e sua intermediação entre Deus e o homem será sempre uma realidade.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. O que torna o crente adulto e firme é o seu aprofundamento na compreensão da pessoa e obra de Cristo e na experiência pessoal com ele. Por isso é dever de cada crente ser diligente em prosseguir. Quanto aos pastores, é dever deles ser zelosos em doutrinar seus rebanhos, segundo a sã doutrina.

2. Se o crente não persevera, e se deixa arrastar pelo pecado, e pelas dúvidas, acaba ficando confuso e já nem mesmo tem certeza de sua salvação, em certas circunstâncias. Com isso ele perde a alegria da salvação, e se torna um servo que não honra a Cristo e não ajuda no desenvolvimento do Reino. Não é este o tipo de vida que nos serve.

3. Nossa salvação nos foi concedida mediante juramento de Deus. É nisso que estamos seguros, e não em nossa capacidade de perseverar. Estamos seguros, e salvos. Mas devemos demonstrar essa salvação por meio de frutos.

4. O crente que fica nos rudimentos é presa fácil para os falsos mestres. A causa do evangelho precisa de crentes adultos, capazes de ficar

firmes no testemunho sob qualquer ameaça, em qualquer circunstância.

5. O ser humano pode ser iluminado, pode participar da atuação do Espírito Santo, que chega a fazer realizações de seu ministério em sua mente, pode experimentar os efeitos da Palavra de Deus em sua vida etc, sem ser ainda transformado em nova criatura. E se pessoas assim debandam para definitivamente aderir a qualquer idéia ou sistema de religião, deliberadamente repudiando a Cristo e a tudo quanto ele fez como coisa de nenhum valor, estarão ultrapassando a barreira da possibilidade de arrependimento para a salvação.

Leia
O PECADO E A SALVAÇÃO,
de autoria do Pr Dinelcir de Souza Lima, publicado por esta editora.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Hebreus 5:11-14*
Terça - *Hebreus 6:1-8*
Quarta - *Hebreus 6:9-20*
Quinta - *Filipenses 4:4-9*
Sexta - *Col. 1:9-14*
Sábado - *2Cor. 8:1-9*
Domingo - *Filipenses 3:8-14*

Estudo 10

Pastor Dinelcir de Souza Lima

VIVENDO A LIBERDADE DO NOVO CONCERTO - VIVENDO DA FÉ

Hebreus 10:38,38; 11

No estudo anterior pudemos perceber que há uma ligação direta e inseparável entre a paciência e a fé. Sem paciência não há fé e sem fé não há paciência.

Ora, se há tão estreita ligação entre paciência e fé, é natural que o autor, após conamar seus leitores a viver a vida cristã com paciência, guardando a esperança do que está prometido pelo Senhor Jesus, haja interligado a liberdade da vida segundo o Novo Concerto à fé verdadeira, que está no coração do crente, que fez com que se entregasse a Jesus Cristo e que alimenta a nossa vida com Deus.

Sem fé o crente não consegue viver o cristianismo verdadeiro, não consegue desfrutar da vida que Deus oferece através de Jesus Cristo, que deve ser uma vida de alegria, de comunhão com ele em que o crente desfruta naturalmente dos cuidados divinos.

Se a fé é essencial para a vida cristã, então é lógico que o inimigo

de Deus, de nossas almas, se empenhe em destruir a fé, seja por influenciar para a incredulidade como fez com Eva; seja por influenciar para o desvirtuamento da fé, como fez com o povo de Deus ao longo da história do Antigo Testamento, como fez nos primórdios do cristianismo e como tem feito nos dias atuais.

O autor da carta estava ciente dessa luta espiritual que estava acontecendo, ainda, entre os judeus que se haviam convertido a Jesus Cristo e se dedicou a definir a fé que o cristão deve ter, preservar e anunciar.

1. Fé de quem pertence a Jesus Cristo e vive pela fé em Jesus Cristo
- v. 38, 39. Uma fé que aponta para a conservação da alma e que é característica de quem procura fazer o que dá prazer ao seu Senhor. Jesus veio para salvar, para conceder vida eterna. O autor da carta fala da vida pela fé logo depois de afirmar que “aquele que há de vir virá”, recordando aos crentes quanto à esperança da vinda de

vivendo atitudes religiosas imediatistas, requerendo de Deus providências (como se pudesse requerer) imediatas e terrenas, que não podem ultrapassar as barreiras da materialidade.

Creio que esse é um dos mais graves problemas vividos hoje no cristianismo. Temos sido influenciados pelo pensamento de que Cristo não voltará para julgar a humanidade, para definir vida eterna e condenação eterna, e isso tem feito com que crentes deixem de olhar pacientemente para o futuro, para o dia em que Cristo voltará e exterminará o mal e fará novas todas as coisas.

CONCLUINDO

Se realmente temos fé em Jesus Cristo, temos paciência em aguardar a entrada na eternidade, quando desfrutaremos de paz perfeita, de vida sem as consequências do pecado, sem possibilidade de morte ou qualquer tipo de sofrimento.

Essa é a promessa de Jesus a seus servos e que aponta sempre para o futuro, para o fim de nossa vida pessoal aqui no mundo, ou para o dia em que ele voltará para julgar o mundo.

Por outro lado, em uma interação perfeita, se temos paciência fazemos a manutenção da nossa fé. Uma paciência gerada pela fé na Palavra de Deus, personificada

em seu Filho, Jesus Cristo e registrada nas Escrituras, que faz passar pelas tribulações e nos faz experimentar o conforto que Deus traz aos nossos corações.

Podemos afirmar, então, que a perda da paciência, ou a vida cristã impaciente, é fraquejar na fé e dar lugar à incredulidade, mesmo que pratiquemos exercícios religiosos.

Vivamos com fé e, consequentemente, vivamos com paciência aguardando as bênçãos prometidas por Jesus Cristo aqui neste mundo e, principalmente, na eternidade.

Leia, desta editora,
**A PRIMEIRA CARTA
DE PEDRO,**
de autoria do
Pr Dinelcir de Souza
Lima

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Romanos 15**
- Terça - Tiago 5**
- Quarta - 1 Pedro 4**
- Quinta - 1 Pedro 5**
- Sexta - 2 Pedro 1**
- Sábado - 2 Pedro 3**

Estudo 5

Pastor Delcyr de Souza Lima

CRISTO, SACERDOTE DA ORDEM DE MELQUISEDEQUE

Hebreus 7:1-28

Depois de referir-se ao Senhor Jesus como tendo sido constituído Sumo Sacerdote por Deus, segundo a ordem de Melquisedeque (5.10), e de fazer a longa digressão a respeito dessa função de Jesus (5.11-6.20), o autor volta ao tema “Jesus Cristo é o grande Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”. Procura levar seus leitores a compreender a verdade evangélica, neo-testamentária, de que Jesus Cristo é superior aos sacerdotes levitas e que seu sacerdócio não se realizou naturalmente por hereditariedade de uma família (os levitas), mas por decreto e juramento do próprio Deus.

Por isso afirma que Jesus é sacerdote da ordem de Melquisedeque, uma ordem que antecedeu ao estabelecimento da Lei escrita por Moisés e que estava ligada a um estabelecimento direto e pessoal do próprio Deus.

Bem pouco sabemos a respeito de Melquisedeque e a referência ao

seu sacerdócio pelo autor da carta aos Hebreus tem levado alguns a afirmarem que Melquisedeque era o próprio Verbo, o próprio Filho de Deus antes de se encarnar, principalmente por causa do versículo 3 do capítulo 7. Clyde T Francisco, em seu comentário sobre o livro de Gênesis, editado no Comentário Bíblico Broadman, JUERP, Rio de Janeiro, 1987, vol I, comentando o referido versículo, diz: “Com isto, ele não quer dizer que Melquisedeque, na verdade, não tinha pai nem mãe nem fim de governo, referindo-se, desta forma, a Jesus Cristo pré-encarnado, mas está fazendo uma comparação literária. Da mesma forma como Melquisedeque aparece subi-tamente em Gênesis 14, sem genealogia e sem menção de sua morte, assim também Cristo, na verdade, não teve princípio e não terá fim.” (Pág. 220) Certamente que Melquisedeque não era o Verbo, pois ele se manifestou várias vezes no Velho Testamento, mas nunca se estabeleceu aqui no

mundo, com um reino temporal e nem mesmo habitou aqui.

A Bíblia diz que ele era rei de Salém (cidade que depois passou a ser chamada de Jerusalém) e que era sacerdote do Deus Altíssimo. Uma função interessante e impressionante, levando-se em consideração o fato de a terra de Canaã ser habitada por povos completamente distanciados do Deus verdadeiro. Era um homem justo (seu nome significa “o rei é justo”) e manifestava, de alguma maneira a sua justiça e serviço ao Deus verdadeiro porque Abraão ao se encontrar com ele entregou-lhe o dízimo de todos os despojos que conquistara e aceitou a sua bênção.

Esse homem a respeito de quem se sabe tão pouco foi uma prefiguração de Cristo, isto é, uma representação daquele que estava por vir e do seu sacerdócio.

SUPERIORIDADE DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE

7:1-10

Usando a narrativa de Gênesis 14:18-20, o autor da Carta aos Hebreus mostra a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico. Essa superioridade é atestada pelos seguintes fatos:

1. Melquisedeque recebeu a função sacerdotal diretamente

de Deus (v. 1). Não há registro de alguém que o tenha precedido nessa função e que a tenha transmitido a ele. Isso contrasta com o fato de que os levitas recebiam o sacerdócio por herança de família.

2. Melquisedeque não estava restrito a um tempo (v. 3). Ele era um homem real, mas a Bíblia não fala do seu princípio nem do seu fim, deixando-o vivo na mente dos leitores, pois o seu significado não estava restrito apenas à sua época. Ele representava aquele que viria para ser sacerdote para sempre, Jesus Cristo. Os sacerdotes levitas foram restritos ao tempo da Lei que começou em Moisés e terminou em Jesus Cristo.

3. Melquisedeque era superior a Abraão (v. 6-10). Abraão foi o que recebeu a promessa de Deus e foi quem deu origem ao povo Hebreu. Os levitas eram do povo hebreu, descendentes de Abraão e tomaram o dízimo do povo que se originou de Abraão. Mas Melquisedeque recebeu o dízimo e abençoou aquele que dera origem até mesmo aos levitas, aos sacerdotes da ordem de Levi.

IMPERFEIÇÃO DO SACERDÓCIO LEVÍTICO

7:11,12,23

O autor da Carta mostrou inicialmente a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque e agora passa a

chuvas. Sede vós também pacientes e fortaleci o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas. Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor. Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo.”

A recompensa de Deus não vem como uma obrigação dele para com seus servos, mas vem como uma manifestação da sua misericórdia e compassividade. Mas sempre virá, como veio para Jó, no tempo de Deus, no tempo que satisfizer aos propósitos dele, e será sempre em uma demonstração de que vale a pena ser paciente e estar firmado nas promessas de Deus.

O EXERCÍCIO DA PACIÊNCIA É UMA NECESSIDADE PARA FAZERMOS A VONTADE DE DEUS - Hebreus 10.36

A vida cristã é para ser desfrutada com a liberdade de quem foi resgatado por Jesus Cristo, de quem foi elevado à posição de herdeiro do reino de Deus, mas uma liberdade que aponta sempre para a necessidade de se cumprir a vontade de Deus, como manifestação de

gratidão, de amor, àquele que pagou preço incalculável, imensamente sofrido, pelo nosso resgate.

A paciência do crente está interligada ao cumprimento dessa vontade que é sempre soberana, superior à nossa vontade pessoal, porque somente pela paciência podemos deixar nossa vontade de lado e conseguimos dar prioridade à vontade de Deus.

Por isso o autor da carta aos Hebreus lembra aos crentes em Cristo que a paciência é necessária para que alcancemos a promessa.

A ESPERANÇA NA VOLTA DE CRISTO ALIMENTA A PACIÊNCIA

Hebreus 10.37

A fé, a esperança e a paciência são perfeitamente e necessariamente interligadas. Se o crente não tiver esperança no futuro, perde a paciência e, consequentemente, perde a fé. Por isso o autor da carta lembra que só um pouquinho de tempo mais e Cristo voltará. Essa esperança, residente e constante em nossos corações, a de que Cristo voltará, advinda da a confiança total na promessa de Deus, gera paciência que, por sua vez, realimenta a fé. Perdendo a visão da volta de Cristo, e consequentemente, da eternidade, o crente perde a confiança e perdendo a confiança, perde a paciência,

registrado logo adiante do texto que estudamos, com relação à esperança de Abraão em alcançar o lugar que Deus lhe prometera. Ele saiu da sua terra, do meio de sua parentela e passou a habitar em tendas, como peregrino em terra estranha, pacientemente esperando alcançar o lugar que Deus lhe prometera (Hb 11.8-10). A fé de Abraão, a sua confiança perfeita na promessa divina, gerou paciência para suportar a vida rústica em acampamentos e peregrinações até o final de sua vida.

A PACIÊNCIA É UM DOS ELEMENTOS PARA MANUTENÇÃO DA FÉ

Rm 15.4

Em outro trecho da sua carta à Igreja de Roma, o apóstolo Paulo reafirma essa correlação entre fé e paciência: “*Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança*”.

Uma observação interessante é que as Escrituras produzem consolação, que por sua vez leva à esperança. Mas o que desejamos focalizar aqui é que a paciência produz esperança e que esperança é fé. Ou seja, a paciência é elemento essencial para a manutenção da fé. Não é exatamente o que o apóstolo Paulo diz, ainda em sua carta aos

Romanos, no capítulo 5, versículos 3 e 4? “*E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz paciência; e a paciência, experiência; e a experiência, esperança.*” Ou seja, a paciência dá lugar à experiência, à vivência da fé, e a experiência dá lugar à esperança, ou à fé.

Buscando nas páginas do Velho Testamento encontraremos vários exemplos desse relacionamento entre paciência e manutenção da fé e, dentre eles, está o episódio da geração de Ismael, filho de Abraão com Agar. Sara perdeu a paciência, perdendo a paciência se foi a esperança de ser mãe e, tendo perdido a esperança agiu por conta própria, como quem perdeu a fé (Gn 16.1-3).

A PACIÊNCIA SEMPRE É GALARDOADA POR DEUS

Tiago 5.7-11

Se a fé é essencial para agradar a Deus (Hb 11.6) e se a paciência é elemento essencial para demonstração de fé, então é natural que Deus recompense quem tem paciência para viver a esperança nas suas promessas. E Tiago, irmão de Jesus, nos lembra desse fato, escrevendo: “*Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas*

apontar as imperfeições do sacerdócio levítico a fim de levar seus leitores a compreenderem a superioridade do sacerdócio de Cristo. Vejamos em que consistia essa imperfeição:

1. O sacerdócio da Lei era provisório (v.11,12). O sacerdócio do Velho Testamento não podia dar ao homem a justificação e a santificação, por isso Deus prometeu um outro sacerdote que não seria da linhagem de Levi (Sl. 110-4). O sacerdócio levítico não era perfeito nem definitivo. Se fosse, porque teria que ser levantado outro sacerdote (Jesus Cristo) fora da tribo de Levi? Deus providenciou uma interrupção de todo o sistema sacerdotal existente até Jesus Cristo. E, como a lei estava diretamente ligada ao sacerdócio, sendo feita mudança neste consequentemente a lei também seria modificada. Um novo pacto seria feito em função do novo sacerdócio.

2. Os sacerdotes da Lei precisavam ser substituídos por causa da morte (v. 23). No Velho Testamento, um homem levita que exercesse o sacerdócio estava sujeito à morte por ser pecador como qualquer outro homem. Um dia ele teria que morrer e, assim, seu sacerdócio seria interrompido e teria que ser substituído. Isso significava um sacerdócio imperfeito e limitado. Havia necessidade de muitos

sacerdotes para que morrendo uns, outros tomassem o lugar.

3. Os sacerdotes da Lei precisavam oferecer sacrifícios por seus próprios pecados (v. 26,27). Eram homens fracos, pecadores, incapazes de entrar na presença de Deus por si próprios. Por isso precisavam do símbolo do sacrifício do Cordeiro para remissão dos seus próprios pecados.

A SUPERIORIDADE DO SACERDÓCIO DE CRISTO

7:14-28

O autor já demonstrou que havia necessidade de uma mudança no sacerdócio e agora ele passa a avaliar a mudança através de Cristo, mostrando que o seu sacerdócio é em tudo superior ao levítico.

1. Cristo não é sacerdote de linhagem humana (v. 13-16). Assim como Melquisedeque não era sacerdote por o haver recebido por direito de família, Cristo também. Ele nasceu da tribo de Judá, que jamais exercera qualquer função sacerdotal. Ele recebeu o sacerdócio não de homens, mas pela virtude inerente do seu poder divino. Sendo ele feito sacerdote, então, a antiga lei é anulada, pois já fora patenteada a sua ineficácia para salvar. Através de Cristo é introduzida uma nova aliança, melhor do que a anterior.

2. Cristo foi feito sacerdote por juramento de Deus (v. 20-21). Isso implica em perpetuidade. Os levitas não tinham tal juramento, por isso pôde haver mudança, mas no sacerdócio de Cristo jamais haverá mudança.

3. Cristo é sacerdote para sempre (v. 24). Os sacerdotes levitas morriam e eram substituídos. Cristo vive para sempre, então, o seu sacerdócio também tem duração eterna.

4. Cristo pode salvar completamente (v. 25). Enquanto o sacerdócio levita não podia salvar, Cristo pode salvar qualquer pessoa que se chegue a Deus por seu intermédio. A salvação que ele concede é eterna, pois ele guarda e preserva todos quantos o buscam.

5. Cristo tem caráter perfeito (v. 26). Os sacerdotes levitas eram homens e por isso pecadores, mas Cristo é divino e portanto perfeito em seu caráter. Ele é santo; é inocente, isto é, livre de qualquer maldade, ele é imaculado, isto é, sem qualquer contaminação com o pecado.

6. Cristo ofereceu-se em sacrifício único (v. 28). Os sacerdotes levitas tinham que oferecer sacrifícios diariamente e ofereciam animais. Cristo ofereceu-se a si próprio em sacrifício e esse sacrifício feito uma única vez tem valor eterno.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Cristo aboliu qualquer espécie de sacerdócio humano. No cristianismo não existe sacerdócio a não ser em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e os homens. Os líderes cristãos, os pastores não são sacerdotes.

2. O sacrifício de Cristo foi único e tem valor eterno. Erram todos os que dizem viver o cristianismo e querem ainda viver praticando sacrifícios. Cristo já ofereceu o seu sacrifício por todos os pecadores.

3. A vinda de Cristo anulou o sacerdócio legalista que era constituído por homens. Cristo tornou-se o perfeito sacerdote por causa de sua origem, de seu caráter e do seu sacrifício. Não são práticas religiosas, mas é esse sacerdote divino, Jesus Cristo, quem garante a segurança de nossa redenção.

4. Hoje, nas igrejas de Cristo, não existem levitas, nem uma classe sacerdotal. Isso tudo foi abolido no Novo Testamento.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 1:1-14
Terça - João 5:19-26
Quarta - Hebreus 2:1-4
Quinta - Mateus 16:13-18
Sexta - Rom. 8:26-30
Sábado - Efésios 1:3-9

Estudo 9

Pastor Dinelcir de Souza Lima

VIVENDO A LIBERDADE DO NOVO CONCERTO - COM PACIÊNCIA

Hebreus 10:36,37

A paciência é uma das grandes virtudes na vida cristã. Foi vivenciada por todos os grandes servos de Deus nos tempos do Velho Testamento, foi ensinada e vivenciada por Jesus durante o seu ministério, e foi amplamente ensinada pelos apóstolos de Cristo. Deve ser exercitada pelos crentes em Cristo, se realmente desejam viver uma vida cristã autêntica.

Eis alguns aspectos da paciência na vida cristã que precisam ser lembrados e observados:

A PACIÊNCIA É CONSEQUÊNCIA DA FÉ
Romanos 8:24,25

O apóstolo Paulo escreveu: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Rm 8:24,25).

Quando ele diz “se esperamos o que não vemos”, de acordo com o

contexto, está falando de salvação e esta não podemos ver, pois é uma realidade presente em nossa vida, porém é algo que desfrutaremos na eternidade, depois que partirmos para a presença de Cristo. Somos salvos pela fé e cremos na salvação pela fé. Ora, a nossa esperança é depositada em Cristo, para algo que nos acontecerá no futuro. Um futuro que aguardamos com paciência, tendo a certeza de que alcançaremos, um dia, a promessa de Deus para nossa vida.

Há, também, a esperança nas promessas de Deus, de cuidado, de amparo, de conforto espiritual, de sustento para o nosso corpo etc. São realidades que acontecem em nossas vidas, vindas de Deus e que sempre acontecerão, conforme as promessas de Deus e que, se tivermos fé, confiança na sua palavra, pacientemente esperaremos nele.

Um exemplo típico da paciência sendo consequência da fé está

são de suas atitudes e sentimentos. E a esperança permanece inabalável.

2.4. Considerando a seriedade do sacrifício de Jesus no Novo Concerto

v. 26-29. Jesus deixou a sua glória celestial, a sua realidade eterna e entrou na temporalidade como ser mortal, sem glórias, passando dificuldades, sem ter onde reclinar a sua cabeça. Levou o seu propósito de nos salvar até a morte, e morte de cruz. Morte vergonhosa, morte dolorosa, morte que é o preço do pecado que nunca cometeu. Para que não nos desviemos da confissão da nossa fé em Jesus Cristo, precisamos olhar sempre para o seu sacrifício como sendo, de fato, a consumação do plano divino para a nossa salvação. Se retornarmos ao Antigo Testamento, ao tempo dos sacrifícios de animais, dos sacrifícios ineficientes, dos sacerdócios humanos, estaremos negando tudo o que Jesus fez por nós, pela nossa salvação e já não nos restará nenhuma esperança de vida feliz, de comunhão com Deus.

2.5. Considerando a justiça de Deus

v. 30,31. Deus é justo. Por causa da sua justiça, seu plano de salvação prossegue inexorável até o fim, quando ele exercerá o seu juízo através do Filho. Na sua justiça ele justifica ao que crê no sacrifício do seu Filho e deixa à sua própria sorte o que não crê no seu Filho. Jesus Cristo, cujo sacrifício foi a consumação do plano de Deus para a Salvação, é o referencial perfeito e único da justiça de Deus. Sem fé em Jesus como Salvador não há salvação. Por isso o apóstolo João escreveu:

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9). A convicção de que Deus é perfeitamente justo será sempre um elemento de grande importância para que mantenhamos firme a nossa confissão.

2.6. Reconhecendo a excelência do galardão que vem de Deus v. 32-35.

Galardão é prêmio que é concedido no final de uma carreira. Precisamos correr a carreira cristã olhando para o prêmio que nos foi prometido, que é a vida eterna na presença de Deus, sem sofrimentos, sem perseguições, sem lágrimas, sem dores, sem pecados. O crente inicia essa carreira e ultrapassa muitos obstáculos. Deve considerar tudo o que já passou por Cristo e lembrar que não vale a pena jogar tudo fora. Tantas lutas, tantas conquistas com dificuldades, tantas aflições já foram vencidas e tantas outras ainda serão vencidas também. Olhando para a excelência do galardão que está adiante, o crente prossegue em sua fé, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 10:6-18

Terça - Hebreus 10:19-25

Quarta - Hebreus 10:26-31

Quinta - Hebreus 10:32-39

Sexta - Romanos 6:8-13

Sábado - 2Coríntios 5:14-21

Domingo - Efésios 4:17-24

Estudo 6

Pastor Delcyr de Souza Lima

A EXCELÊNCIA DO NOVO TESTAMENTO

Hebreus 8

Em seu plano de revelação e redenção, Deus estabeleceu dois concertos com a humanidade, que são melhor designados por “testamentos”, uma vez que a palavra grega utilizada para definir essas duas alianças é **diatheque** que quer dizer “dispositivo, arranjo feito por uma parte que tenha pleno poder, o qual a outra parte pode aceitar ou rejeitar, mas não mudar; um testamento no qual alguém faz a última disposição das suas posses”. É a palavra utilizada pelo autor nos textos encontrados em Hb 9.16,17. Ou seja, Deus não estabeleceu dois concertos nos quais houvesse possibilidade de intervenção de outras pessoas para modificá-los, porém concertos que só poderiam ser aceitos ou rejeitados pelos seus beneficiários.

O primeiro, embora visando beneficiar toda a humanidade, foi iniciado com Abraão e plenamente realizado com sua descendência, o povo de Israel. O segundo realizou-

se na pessoa e obra de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Os dois concertos são duas peças ou etapas de um só plano e se ajustam plenamente, sobrepondo-se perfeitamente. O novo testamento consumando o primeiro, que deixou de existir, e sobrepondo-se a ele. Esse era o pensamento principal do escritor sagrado, tentando levar os leitores a compreenderem que não havia mais possibilidade de qualquer esperança no culto judaico, para o qual alguns haviam retornado.

Pode parecer que o assunto não tenha aplicação em nossos dias, mas isso não é verdade. Ainda hoje existem grupos, igrejas e crentes individuais que se dizem cristãos, mas que insistem em manter características de culto e normas comportamentais do Velho Concerto, a despeito da consumação do plano de redenção por Jesus Cristo. São pessoas que, dessa maneira, invalidam a eficácia total do seu sacrifício.

PREVISÃO DO NOVO CONCERTO

8:8-12

Há quem ensine que o primeiro concerto de Deus tenha falhado por causa da desobediência do povo de Israel. Esse ponto de vista deixa entender que, se o povo não tivesse falhado, o antigo concerto teria sido suficiente para a realização do plano de redenção. É um falso ponto de vista. O primeiro concerto, ou Antigo Testamento, não falhou. Ele apenas cumpriu sua finalidade estabelecida por Deus, de concerto provisório. Daí o apóstolo Paulo dizer que a Lei serviu de aio (*paidagogos* - instrutor, educador que conduz o aluno até a maioria) para nos conduzir a Jesus Cristo e dizer também que, tendo vindo a fé, não permanecemos subordinados ao aio (Gl 3.24,25).

Deus fez um plano de redenção e o desenvolveu na História em fases ou etapas. Os dois concertos são duas etapas definidas previstas por Deus. Por isso, estando ainda em vigência o primeiro concerto, Deus revelou que fazia o novo concerto, conforme a previsão feita por meio do profeta Jeremias. Os versículos 8-12 são uma citação de Jeremias 31:31-34 feita pelo escritor da Carta aos Hebreus. Quando, em sua sabedoria e planejamento, Deus

achou que o mundo estava pronto para receber o novo concerto, ele o realizou na pessoa de Jesus Cristo, seu Filho.

PRINCÍPIOS DO NOVO CONCERTO

8:8-12

Empregamos aqui o termo **princípios** com o sentido simples de **características básicas**, ou **fundamentais**, ou seja, critérios espirituais estabelecidos por Deus como as bases do Novo Concerto. Esses princípios são os fundamentos do evangelho de Jesus Cristo. São a base de nossa fé cristã. São eles:

1) Interiorização da lei (v. 10). Isto é, as leis de Deus, ao invés de permanecerem como regras escritas, para serem obedecidas, seriam colocadas no coração, no íntimo dos homens, como valores espirituais. Dessa maneira, ao invés de a lei de Deus funcionar como imposição de fora para dentro, passaria a funcionar como compulsão de dentro para fora. É por isso que Jesus disse que não é o que entra no homem que o contamina, mas o que sai dele. O homem, pela natureza de seu coração, toma atitudes e determina a prática de atos bons ou maus. O evangelho traria a regeneração de sua natureza e ele passaria a agir conforme os impulsos do novo coração.

pecador, uma confissão importantíssima para que Jesus confesse os que creem nele diante de Deus (Mt 10.32); e uma confissão importantíssima para que o crente continue desfrutando da comunhão com Deus (1Jo 4.15).

Essa confissão precisa ser retida, precisa ser cuidada para que não a deixemos, precisa estar sempre presente em nossa vida, desde o dia em que nos convertemos ao Salvador. O autor da carta ensina seus leitores, solapados pelas tentações religiosas, pelos conceitos do Antigo Testamento, como reter essa confissão.

1. Levando em consideração a fidelidade de quem nos prometeu v. 23. A confissão da fé cristã é totalmente baseada na promessa divina de salvação através de Jesus (Is 19.20). Desde o nascimento de Cristo que ele foi anunciado como Salvador (Lc 2.11); no seu ministério foi reconhecido como o Salvador (Jo 4.42); declarou-se o Salvador (Lc 19.10); e morreu como o Salvador (Lc 23.42,43). Ele prometeu a vida eterna para quem desse ouvidos à sua palavra e cresse na promessa daquele que o enviou (Jo 5.24). Não há mais nada para nos agarrarmos, para confiarmos, a não ser a Palavra de Deus, empenhada por ele e por seu Filho, Jesus Cristo.

Ora, quando deixamos de lado a nossa confissão, o que estamos fazendo, de fato, é descrendo da fidelidade que Deus tem à sua Palavra, ao seu próprio caráter, à sua própria natureza, que o impede de

mentir. Mas, se confiarmos completamente em sua promessa, que é real desde a eternidade (Tt 1.2), referemos para sempre a nossa confissão.

2. Preocupando-nos em nos estimularmos uns aos outros v. 24. O desejo altruísta de que nossos irmãos permaneçam firmes na fé em Jesus Cristo, o trabalho incessante em aconselhar, em fazer recordar que a Palavra de Deus é fiel, sempre será um excelente exercício para a nossa própria fé. Como igreja, os crentes em Cristo só permanecem firmados na fé quando há um estímulo mútuo, ativo, dedicado, sincero.

3. Permanecendo na igreja v. 25. Quando um crente se sente enfraquecido, dá lugar às dúvidas, ou dá lugar ao pecado, a primeira atitude é de afastamento da congregação dos salvos, de afastamento da igreja. As pregações incomodam, os cânticos e as orações parecem perturbar. Afastados, a confissão da fé se torna um fato esquecido no passado, a Palavra de Deus deixa de ser ouvida, a convivência com os irmãos não existe mais, a possibilidade de estímulo à vida cristã se torna quase impossível. Enquanto isso, o mundo exterior passa a ser interior, penetra na alma do crente e ele termina por abandonar a sua fé.

Com o propósito de permanecer na igreja, custe o que custar, o crente é fortalecido, é estimulado e a confissão da sua fé permanece retida em seu coração, em sua mente, impulsionando-o ao arrependimento, à revi-

Deus, que é o próprio caminho para Deus (Jo 14.6). Um caminho que vive para todo sempre, um caminho que vem até o pecador, um caminho que se compadece dos perdidos, um caminho que age para conceder a salvação e levar à presença de Deus; um caminho que é o único que pode ligar o homem a Deus, porque ele é o grande sacerdote estabelecido por Deus (1Tm 2.5; Hb 12.24).

Uma liberdade que foi concedida por Cristo, que precisa ser utilizada, mas uma liberdade **com parâmetros estabelecidos**, que precisam ser observados por quem deseja chegar à presença de Deus (v.22), a saber:

a) Sinceridade de coração O culto prestado a Deus, o ato de se chegar a Deus, precisa ser sincero, precisa partir de dentro do coração, precisa ser isento de hipocrisia ou isento de desejo apenas de cumprimento de obrigações religiosas. Precisa ser assim porque Deus quer assim. Conforme Jesus ensinou, ele busca verdadeiros (ou sinceros) adoradores.

b) Inteira certeza de fé. Confiança perfeita, completa, na existência de Deus, no seu caráter, na sua palavra, na sua providência para que pudéssemos ter comunhão com ele. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6) e, por isso, ninguém consegue chegar à presença de Deus sem fé. Fé nele e não em sistemas religiosos, ou em homens que se colocam como intermediários poderosos entre Deus e outros homens, mas fé somente em Deus.

c) Purificação de todo o nosso ser Somos seres de corpo e alma, de matéria e espírito e precisamos estar perfeitamente purificados de todo pecado para termos comunhão com Deus. Uma purificação que só é possível através do sangue de Jesus Cristo (1Jo 1.7,9)

TEMOS A RESPONSABILIDADE DE RETER COM FIRMEZA A CONFISSÃO DA NOSSA ESPERANÇA v. 23-35

A liberdade sempre traz junto consigo a responsabilidade. Temos liberdade para entrar na presença de Deus, mas temos a responsabilidade de manter a confissão da nossa esperança, a fim de mantermos a comunhão com Deus.

Um dia confessamos a nossa fé ao Senhor Jesus Cristo. Através dele, fizemos confissão ao próprio Deus. Uma confissão sincera, voluntaria, que partiu de um desejo ardente de sermos salvos pelo sacrifício de Jesus. Confessamos publicamente, diante da igreja de Cristo, quando nos entregamos para sermos batizados por termos crido em Jesus como nosso Salvador e Senhor, e essa confissão foi a exteriorização da nossa fé. Algo que nasceu tão forte em nosso coração exteriorizou-se através da confissão pública de que recebemos Jesus Cristo como nosso único Salvador.

Uma confissão importantíssima para a vida cristã porque é o testemunho vivo da transformação de vida que Jesus produz no homem

2. O livre acesso a Deus (v.11). O conhecimento de Deus era privilégio de um pequeno grupo, por ele mesmo escolhido. Uns para profetas, outros para sacerdotes. Os primeiros transmitiam ao povo as revelações que somente eles recebiam de Deus. Os segundos levavam a Deus os sacrifícios que os pecadores queriam oferecer pelos seus pecados. Havia separação. No novo concerto, o conhecimento de Deus seria estendido a todos, indistintamente, sem intermediários, por causa da redenção eficaz, ampla e completa realizada por Cristo, e pelo fato de ele se tornar sacerdote diante de Deus, no próprio céu. Esse princípio é conhecido como sacerdócio dos crentes. O Espírito Santo ilumina a todos, indistintamente, conforme sua vontade, e não há mais possibilidade de hierarquia, nem castas. Um homem analfabeto pode alcançar maior sabedoria espiritual do que o homem profundamente intelectualizado.

3. A justificação pela fé (v.12). Deus prometeu esquecer-se de nossos pecados. Evidentemente, o sentido não é de lhes voltar as costas, mas de perdoar completamente, mediante a fé no sacrifício de Cristo. Para maior clareza, leia-se Heb. 10:15-18. Havendo remissão completa do pecado, não haveria mais necessidade de sacrifícios

continuados e repetidos, porque os pecados já não mais existiriam.

SUPERIORIDADE DO NOVO CONCERTO

Os três grandes princípios mencionados no tópico anterior estabelecem profunda diferença entre os dois sistemas religiosos, ou concertos de Deus. Estabelecem a grande superioridade do segundo sobre o primeiro. Deus não experimentou um, e vendo seu fracasso aplicou o outro. Essa idéia não é bíblica. Deus aplicou aos homens o tipo de concerto que eles poderiam receber, preparou-os, e no momento próprio, como diz Paulo em Gálatas 4:4, na plenitude dos tempos, estabeleceu o segundo concerto. Em resumo, eis os elementos que estabelecem a superioridade do novo testamento sobre o antigo:

1. Os sacerdotes eram imperfeitos, pecadores; Cristo é perfeito, santo, justo.

2. Os sacerdotes ministram em tabernáculo; Cristo ministra no céu.

3. Os sacrifícios tinham de ser repetidos; o sacrifício de Cristo é único, porque é suficiente, bastante, plenamente eficaz.

4. Tudo era apenas figura de

diam ainda se revelar; no novo concerto as figuras dão lugar às realidades.

5. Prevalecia a lei como normas que impunham de fora para dentro; no novo prevalece a graça e a fé, e a lei passa a atuar compulsivamente de dentro para fora.

6. O sacerdócio, o tabernáculo e os sacrifícios eram imperfeitos; no novo alcançou-se o sacerdócio ideal, o tabernáculo ideal e o sacrifício ideal.

7. Havia sempre lembrança do pecado, porque os sacrifícios precisavam ser sempre repetidos; no novo Deus justifica completamente os pecadores salvos.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Os privilégios que temos porque estamos sob o novo concerto de Deus não deve levar-nos a ociosidade e indiferença, e até ao pecado, mas à gratidão, ao louvor, à ação de graças e ao serviço consagrado da divulgação do evangelho.

2. Não nos confundamos com os que insistem em retornarmos para o domínio da lei. O velho pacto já passou.

3. Temos acesso livre a Deus. Consequência disso é que todos somos iguais aos seus olhos, com os mesmos direitos e privilégios. Não podemos portanto, admitir discriminação de raças, de condições inte-

lectuais, econômicas e sociais. Essas distinções são pecaminosas.

4. “E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniqüidades” (Hebreus 10:17). Aqui está a benção da justificação que temos no evangelho. Deus não apenas perdoa, não só nos livra das consequências do pecado, não somente salva, mas se esquece de nossos pecados, de tal sorte que, uma vez regenerados, Deus olha para nós como se nunca tivéssemos cometido pecado algum. Graças a Deus. das consequências do pecado, não somente salva, mas se esquece de nossos pecados, de tal sorte que, uma vez regenerados, Deus olha para nós como se nunca tivéssemos cometido pecado algum. Graças a Deus.

**Leia também, dessa editora,
A DOUTRINA BÍBLICA
DA IGREJA,
de autoria do Pr Dinelcir
de Souza Lima**

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 8:1-6

Terça - Hebreus 8:7-13

Quarta - Jeremias 32:37-41

Quinta - Ezequiel 11:17-20

Sexta - Ezequiel 37:21-28

Sábado - Isaías 55:1-7

Domingo - Isaías 55:1-7

Estudo 8

Pastor Dinelcir de Souza Lima

VIVENDO A LIBERDADE DO NOVO CONCERTO

Hebreus 10:19-39

Até este ponto da carta o autor se dedicou a demonstrar que o Antigo Testamento foi completamente substituído pelo Novo Testamento; que o Novo Testamento é, em tudo, superior ao Antigo Testamento; e que o único elemento de culto no Novo Testamento é Jesus Cristo porque ele é o perfeito e definitivo Sumo-sacerdote e, ao mesmo tempo, é o ser que foi sacrificado uma só vez e para sempre.

Deste ponto em diante o autor aponta para fatos relativos à vida cristã que devem ser observados no Novo Concerto, uma vida de liberdade com responsabilidade pessoal, que é totalmente baseada na fé, na confiança na palavra de Deus.

**TEMOS LIBERDADE PARA
ENTRAR NA PRESENÇA DE
DEUS v. 19-22**

Na maioria das versões da Bíblia na língua portuguesa, no versículo 19, lemos como se o autor estivesse convocando os irmãos judeus, convertidos a Jesus Cristo, a terem **ousadia** para entrar no santuário. No entanto, o

contexto bíblico não dá margem para essa interpretação, nem a palavra grega utilizada pelo escritor, que foi *parresia* que tem o significado de **liberdade**, de algo que está franequeado (é a mesma expressão utilizada por Lucas, em Atos 28:31, significando a liberdade com que Paulo continuou pregando o evangelho, sem impedimento algum).

O que se pode compreender com clareza é que o autor, dando continuidade ao seu assunto, está declarando aos seus leitores que no Novo Concerto há liberdade para se entrar no santuário, ou seja, na presença de Deus (v. 19); que está apontando o meio que foi estabelecido por Deus para que se possa entrar (v. 20,21); e que está ensinando o modo como se deve entrar na presença dele.

No Novo Concerto há liberdade para entrar na presença de Deus, mas uma liberdade que nos foi concedida por Jesus Cristo, através do seu sangue (v. 19), estabelecendo ele próprio o novo e vivo caminho (v. 20). Novo porque substituiu o antigo; vivo porque é Jesus Cristo, o Filho de

4. Os sacrifícios não justificavam (v. 15-17). Ou seja, não apagavam os pecados, fazendo com que os que cultuavam se tornassem perfeitamente agradáveis a Deus. O sangue de Jesus Cristo purifica do pecado, transformando o coração do homem, permitindo que viva voluntariamente na presença de Deus, sem força de lei; permitindo que Deus esqueça por completo dos pecados daquele que foi purificado de seus pecados. Isso é justificação que vem de Deus através do sacrifício do seu Filho (Rm 8.33).

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. O sacrifício de Jesus, sendo perfeito, único e eterno, suficiente para remir os pecados, acabou de vez com todo e qualquer outro tipo de sacrifício, não restando mais nenhuma necessidade de qualquer culto sacrificial pelo pecado ou para que se alcance algum tipo de bênção divina. Homens e mulheres que ficam a convocar pessoas a prestarem sacrifícios pessoais estão completamente fora dos preceitos do Novo Testamento. Jesus já se sacrificou por todo aquele que crê nele como Salvador e Senhor de suas vidas.

2. O Novo Pacto encerrou completamente com o sistema religioso estabelecido na Lei. Não há mais sacerdotes, não há mais altares, não há mais sacrifícios. Todos quantos existem em títulos ou procedimentos sacerdotais, em altares

e sacrifícios, estão convi-vendo com a mentira e com um falso cristianismo. Bispos, presbíteros ou pastores não são sacerdotes porque não são intermediários entre Deus e os homens; púlpitos não são altares porque ali não se pratica nenhum sacrifício; lugares de reuniões das igrejas não são templos porque ali não existem altares, nem lugares santíssimos, nem sacerdotes, nem sacrifícios. O corpo do crente em Cristo é o templo do Espírito Santo.

3. Descansemos na segurança da salvação eterna que nos foi dada por Cristo Jesus. Seu sacrifício em nosso lugar nos redimiu. O que ele espera de nós, agora, é que vivamos plenamente a vida cristã, expressando-a em constante santificação e em serviço consagrado, para levarmos os efeitos do seu sacrifício, que é perfeito, até os confins da Terra.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Hebreus 9:1-10
Terça - Hebreus 9:11-22
Quarta - Hebreus 9:23-28
Quinta - Hebreus 10:1-18
Sexta - Oséias 6:1-6
Sábado - Romanos 12:1-8
Domingo - Salmo 51:10-19

Estudo 7

Pastor Delcyr de Souza Lima

O SACRIFÍCIO PERFEITO PARA SALVAR DOS PECADOS

Hebreus 9:1-10:1-18

O plano de Deus para a salvação do homem, desde o princípio, está estabelecido a partir de dois aspectos reais e irreversíveis quanto ao pecado: *a) O pecado sempre gera morte* (Gn 2:17; Ez 18:4,20; Rm 6:23); e *b) Alguém precisa morrer, pagando o preço do pecado para que o homem viva* (Lv 17.11; Hb 9.22).

No Antigo Testamento, Deus estabeleceu um culto sacrificial em que um cordeiro puro, perfeito, era apresentado a Deus, através de sacrifício ministrado por um sacerdote, em um altar, para expiar (levar sobre si) o pecado de quem desejava o perdão dos pecados e, consequentemente, ser recebido por Deus.

A vida que era sacrificada no Velho Testamento representava a vida do próprio Cordeiro de Deus, Seu Filho, Jesus Cristo, morto no coração de Deus desde a fundação do mundo (Gn 3:15; Ap 13:8), e que seria enviado ao mundo para salvar o homem dos seus pecados (Mt 1.21; Lc 19.11), entregando-se em sacrifício perfeito e definitivo (Jo 3.14).

Neste estudo perceberemos que o autor da Carta desejava que seus leitores adquirissem a consciência de que o Novo Concerto é superior ao Antigo Concerto, que foi substituído em seus elementos provisórios e imperfeitos.

OS TRÊS ELEMENTOS ESSENCIAIS AO SACRIFÍCIO PERFEITO (9.1-10)

Neste texto o autor fala de coisas que eram conhecidas de seus leitores, lembrando-lhes aspectos do antigo lugar dos cultos sacrificiais, o Tabernáculo. Havia um grande pátio, de 50 metros de comprimento por 25 de largura, cercado por uma cortina de linho branco, dentro do qual ficava um altar para sacrifícios e um lavatório para purificação dos sacerdotes ministradores dos serviços. Dentro desse pátio ficava a “tenda”, o Tabernáculo propriamente dito, dividido em duas partes, o santuário e o lugar chamado “Santo dos Santos”, separados um do outro por um fino véu de linho tingido nas cores azul, púrpura e escarlate. No primeiro compartimento só podiam

entrar os sacerdotes para ministrar os sacrifícios, e no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez por ano, no dia da expiação, a fim de oferecer sacrifícios pelo povo. Antes de entrar, o sumo sacerdote tinha que oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados. Esse culto provisório e simbólico foi substituído, no novo concerto, porque Jesus Cristo passou a ser o Mediador (sacerdote) e o ser sacrificado.

Quanto ao culto provisório que simbolizava o sacrifício de Cristo, há um outro aspecto a considerar: o culto não era realizado pelas próprias pessoas, mas pelos sacerdotes, que, em seus nomes, ofereciam a Deus os seus sacrifícios. Isto quer dizer que o caminho para a comunhão com Deus, através da remissão dos pecados, não estava desimpedido e que o acesso a Deus só ficou livre para todos com a consumação da obra de redenção, feita por Jesus Cristo através do seu sacrifício (9.7-12). Os Evangelhos Sinóticos registram o momento desse desimpedimento, manifestado visivelmente pelo véu do Templo, que separava o lugar santíssimo, se rasgando de cima a baixo (Mt 27:51; Mc 5.38; Lc 23.45).

O MINISTRANTE DO SACRIFÍCIO PERFEITO (9.11-28)

Os sacrifícios eram ministrados por sacerdotes mortais, imperfeitos,

pecadores, os quais exerciam o ofício por determinação e chamada de Deus provisoriamente, apontando para a realidade divina e eterna que é o Filho de Deus, o verdadeiro Mediador entre os homens e Deus, que haveria de vir. Por serem pecadores, eles tinham que oferecer sacrifícios por si próprios, antes de os oferecer pelo povo. Eram transitórios, mortais, e por isso mesmo constantemente substituídos por outros. Jesus Cristo, entretanto, é eterno e sem pecado. Assim, o Ministrante do sacrifício perfeito do novo concerto é, ele próprio, perfeito. O sacrifício perfeito tem um ministrante perfeito.

Em resumo, os aspectos do Ministrante do sacrifício perfeito são:

1. Ele é eterno (9:25). Ele não foi levantado entre os homens como os sacerdotes, fracos, mortais; ele é o próprio Filho de Deus, unigênito, perfeito para sempre. Ele próprio pode salvar para sempre sem que exista necessidade de qualquer outro mediador entre Deus e os homens.

2. Ele ofereceu a sua própria vida (9.25,26). Os sacerdotes compreendiam perante o altar com sangue de animais. O Filho de Deus, porém, ofereceu a si mesmo.

3. Ele é santo (v. 26,27), imaculado, separado dos pecadores e por isso não precisou oferecer sacrifício por si próprio, como os sacerdotes.

A NATUREZA DO SACRIFÍCIO PERFEITO 9:11-14, 24-28

Os sacrifícios do Velho Testamento eram de animais e, por isso, imperfeitos. Eram transitórios e apenas simbólicos. O sacrifício de bodes e novilhos (9.12) haviam sido substituídos por Deus no velho pacto: “Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que faz expiação em virtude da vida (Lv 17.11). O autor da Carta reconhece isso, e manifesta esse reconhecimento dizendo: “E quase todas as coisas segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão” (9.22). A substituição da vida por outra vida foi estabelecida por Deus. Na plenitude dos tempos (Gl 4.4) Jesus veio, o Verbo se fez carne (Jo 1.14), e ofereceu seu próprio sangue, em vez de sangue de animais; sua própria vida, em vez de vida de animais.

Tudo no velho pacto era de natureza passageira, corruptível no sentido de se corromper até perecer. Os animais, os sacerdotes, o templo, passaram. Mas, no novo pacto, tudo é de natureza eterna, duradoura por toda a eternidade. Jesus salvou e continua salvando, resgatando do pecado, com o seu precioso sangue, em um sacrifício único que tem validade por toda a eternidade (1Pe 1.18-20)

A EFICÁCIA DO SACRIFÍCIO PERFEITO (10:1-18)

Além de simbólicos e transitórios, os sacrifícios de animais estabelecidos no Antigo Testamento não tinha eficácia perfeita. Somente o sacrifício do Filho de Deus foi perfeito em sua eficácia. Observemos:

1. Um só sacrifício não era bastante. Os sacrifícios precisavam ser repetidos inúmeras vezes ou melhor dizendo, constantemente (v. 1,11).

2. Os sacrifícios não purificavam (10.2-4). Eles serviam para manter viva, no povo, a lembrança de seu estado de pecado. Sendo de sangue de animais, não podiam tirar os pecados. Apenas, sendo oferecidos por fé, mantinham as pessoas aceitáveis aos olhos de Deus, porém essas pessoas continuavam com sua natureza pecaminosa inalterada, sem um novo nascimento.

3. Os sacrifícios não eram voluntários (10.5-14). Os sacerdotes eram escolhidos, primeiramente pela Lei (tinham que pertencer à tribo de Levi) e tinham suas funções também determinadas pela lei. Além disso, os animais sacrificados não tinham condições de se oferecerem. O Filho se ofereceu para substituir esses sacrifícios. E é na manifestação dessa vontade divina que somos santificados, porque Jesus Cristo ofereceu o seu próprio corpo por nós.